

ISTO É

Edição 7 - 17/10/25

A SEMANA



*Reprodução de vídeo
divulgado pelo Hamas*

HORROR SEM FIM

Em meio às discussões sobre o futuro de Gaza, cenas dantescas de execuções em praça pública cometidas pelo Hamas reforçam as dúvidas em torno do enclave palestino arrasado pelas forças israelenses

ISTO É
sustentável

COP 30

UMA VITRINE INTERNACIONAL

Acompanhe a cobertura
do evento histórico em
sustentavel.istoe.com.br



Carta ao leitor

Sem futuro nem esperança

A horrenda guerra travada entre Israel e o grupo terrorista Hamas em Gaza foi pródiga de imagens terríveis. Mulheres e crianças trucidadas, doentes mortos em ataques a bomba em hospitais, trabalhadores humanitários assassinados quando tentavam salvar vítimas. Os retratos da carnificina foram muitos e chocantes. É nesse ponto que o registro tirado de um vídeo que ilustra a capa dessa edição de IstoÉ A Semana chama a atenção.

No fotograma, um grupo de militantes do Hamas mantém oito homens ajoelhados sob mira das armas. É o instante que precede a execução sumária



EBRAHIM HAJJAJ

Gaza mal teve tempo de respirar depois do cessar-fogo: Hamas executou rivais políticos

dos cativos, acusados de terem colaborado com o exército de Israel durante a ocupação. Pessoas camufladas na sombra nos cantos da praça acompanham a cena e, no primeiro plano, se vê um celular que filma tudo — pouco depois o vídeo estaria nas redes sociais.

Gaza, arrasada pela guerra, se tornou terra de ninguém. E, pelo que tem

sido visto nos últimos dias, promete se tornar território cujas ruínas serão assombradas por milícias assassinas à caça de rivais. Do outro lado, clãs alimentados por ódios tribais procurarão de toda forma desestabilizar o enfraquecido Hamas como força dominante no enclave. O prognóstico é sombrio e a esperança quase inexistente.

Índice

FOTO DA CAPA: AFP PHOTO/AL-AQSA TV

- 4 ENTREVISTA
- 7 BRASIL
- 15 ECONOMIA
- 17 INTERNACIONAL
- 24 TECNOLOGIA
- 26 CIÊNCIA
- 28 GENTE
- 32 ESTILO DE VIDA
- 34 ENTRETENIMENTO
- 39 MEMÓRIA
- 40 O MELHOR DAS REDES
- 41 PALAVRA POR PALAVRA



VALTER CAMPANATO/AGÊNCIA BRASIL

Com saída de Barroso, Lula definirá mais um ministro



MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

Negociadores de 67 países se reuniram na pré-COP



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

Diane Keaton deixa uma marca de elegância e humor

Expediente

ISTOÉ publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.
CEO E DIRETOR EDITORIAL:
Daniel Hessel Teich

ISTOÉ A SEMANA

EDITORA-EXECUTIVA: Lena Castellón
DIRETOR DE ARTE: Alexandre Akermann
DESIGNER: Mayara Novais
DIRETOR DE MERCADO LEITOR
E LOGÍSTICA: Edgardo A. Zabala

www.istoe.com.br
Instagram: @revistaistoe
YouTube: m.youtube.com/@revistaISTOE
X: @revistaISTOE
TikTok: @revistaistoe
LinkedIn: https://www.linkedin.com/company/istoe/

Redação e correspondência:
Rua Iguatemi, 192, 19º andar, Itaim Bibi,
São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ – A SEMANA é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos. A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)

Nathalia: há mulheres que acreditam que “dinheiro é coisa de homem”



LEO MONTEIRO/ISTO É E C.D.I.

Falar de dinheiro é questão de saúde pública

CEO da Me Poupe, Nathalia Arcuri afirma que o Brasil tem 75 milhões de inadimplentes. Entre elas, estão pessoas que, sem saber como sair dessa situação, sofrem de ansiedade e depressão

Até 2015, Nathalia Arcuri era “só jornalista”, como ouviu quando teve a ideia de falar sobre finanças de um jeito mais divertido para o público. Ela decidiu se aprofundar na área e lançou a Me Poupe e, a partir daí, transformou sua vida – e a de outras pessoas. Hoje, é empresária, escritora, educadora e investidora. No YouTube, a Me Poupe tem mais de 7,7 milhões

de inscritos. Posicionada como plataforma de entretenimento financeiro, a companhia tem cursos, soluções e aplicativo. Neste ano, Nathalia lançou uma loja online de roupas com propósito social. A ajuda a mulheres que permanecem em relações abusivas em função da dependência financeira é um de seus focos.

Amanda Negrele

Você deixou uma carreira na TV para falar sobre dinheiro na internet. Em que momento percebeu que precisava fazer algo diferente?

Tive o privilégio da profissão de jornalista, que é conhecer o Brasil como ele é de verdade. Viajei o país inteiro, cobri todos os tipos de tragédia que se possa imaginar, fiz pautas de tudo. Isso me proporcionou um conhecimento muito abrangente do país onde moramos. O Brasil é extremamente desigual, com muita gente capaz, honesta e trabalhadora. O que falta aos brasileiros é ter oportunidades e o poder do dinheiro nas mãos. Na maior parte das tragédias e violências que cobria no dia a dia, o dinheiro sempre estava amarrado de alguma maneira àquelas histórias. Percebia que o fato de as pessoas não conhecerem seus direitos, não saberem como o sistema e o jogo do dinheiro funcionam, isso as submetia a esse jogo. Comecei a poupar muito cedo, não por ter sido ensinada, mas por necessidade. Entendendo isso, passei a observar como as pessoas lidavam com o dinheiro, fossem ricas ou pobres, e todas tinham questões comportamentais muito semelhantes, independentemente da origem socioeconômica. Eu me perguntava: “Qual será o problema dessas pessoas? Por que agem de maneira tão parecida?”. Aquilo começou a me incomodar muito. Em 2012, criei um reality show na TV onde trabalhava. A ideia era pegar pessoas superendividadas e transformá-las em investidoras em quatro semanas. Pensei: “Se é entretenimento que as pessoas gostam de ver na TV aberta, então é entretenimento que temos de fazer para atrair os olhares para um tema tão relevante”. Se trouxermos graça e divertimento, consigo dar audiência. Quando se colocam as finanças de um jeito chato, ninguém assiste. É preciso fazer de um jeito sexy, divertido. A ideia foi tão bem recebida que o diretor do programa quis entregá-la para outra pessoa. Fiquei frustrada e, ao questionar o motivo, disseram que eu era “só jornalista”, sem especialização. Então, fui me especializar e passei três anos nisso. Estudei no Insper e comecei a receber várias premiações consecutivas, mas a história do quadro nunca acontecia.

Continuei trabalhando na TV, mas comecei a escrever meu blog e, depois, criei o canal no YouTube. As pessoas da TV diziam que eu estava maluca, que aquilo nunca daria certo. Quando pedi demissão, disseram: “coitada, a internet não dá dinheiro”. Resumindo, após criar minha reserva de emergência, eu tinha condições de me manter por um ano e meio se nada desse certo. Isso foi em 2015. Esse fator, junto a outros, me impulsionou a tomar coragem e me dedicar 100% ao meu negócio.

A educação financeira ainda é um tema cercado de tabus, principalmente para as mulheres. Você vivenciou isso pessoalmente?

Creio que passamos por isso todos os dias. O simples fato de eu ter começado a falar sobre um tema que as pessoas consideram difícil foi o primeiro tabu que precisei quebrar, e a Me Poupe continua quebrando até hoje: não é difícil. Também não acredito que haja uma conspiração para que as pessoas não aprendam. O que percebi é que quem sabe sobre dinheiro simplesmente não sabe como ensinar. O assunto é tão naturalizado na vida da pessoa que ela também não tem interesse em ensinar de uma forma que os outros entendam. Meu interesse sempre foi ensinar de uma maneira que todos pudessem compreender, desde a mulher que vende coxinha na estação de metrô até o médico PhD, que também não sabe nada sobre dinheiro. Ele sabe como ganhar, mas também como se endividar e gastar muito mal. Eu queria criar uma comunicação e uma linguagem que fossem acessíveis e que tocassem a emoção de ambos. No começo, a maneira como eu produzia conteúdo era muito criticada.

Houve alguma crença que precisou superar para conseguir ensinar sobre dinheiro?

Tive de quebrar a crença de que eu não era capaz. Meu primeiro marido, quando eu disse que queria ensinar as pessoas, questionou: “Quem você acha que é? Você é jornalista, não economista”. Eu era colocada em uma caixa. Para se ter noção, por muito tempo acreditei que só teria sucesso quando ganhasse o Prêmio Nobel de Economia. Comecei a mapear minha carreira, vida e estudos



REPRODUÇÃO/ISTOË

com o objetivo de ganhar um Nobel, pois acreditava que somente assim provaria ser digna de credibilidade.

Como foi o processo de se perceber como empresária?

Antes de me ver como empresária, precisei me enxergar como alguém que realmente entende do assunto e é capaz de ensinar. O melhor filtro para isso foi a reação do próprio público: pessoas que nunca tiveram acesso a esse tipo de conhecimento e, de repente, o encontraram de forma gratuita na internet, sem a necessidade de um aval externo. Na TV, eu precisava de autorização para fazer as coisas; na internet, não. O melhor retorno foi o feedback: “Comecei a poupar, comecei a investir, nunca tinha entendido isso antes”. Economistas e estudantes de economia diziam: “Tive aula sobre isso e não entendi nada; é a primeira vez que alguém me explica de um jeito que eu compreendo”. Mulheres em situação de abuso que conseguiram sair dessas relações também foram uma grande motivação. Esses retornos me deram a certeza de que eu estava no caminho certo e que fazer do meu jeito me levaria aonde eu queria chegar. Quando comecei a Me Poupe, tudo era muito pequeno, eu estava sozinha. Mas eu tinha a meta de alcançar 2% da população brasileira, que pensava ser em 2022. Eu a atingi em 2019.

O que a fez enxergar uma oportunidade de negócio rentável em um nicho que ainda é um tabu?

Sempre olhei para a dor das pessoas, nunca para o nicho, a oportuni-

dade ou o tabu. Hoje, o Brasil tem 75 milhões de inadimplentes. Para mim, são 75 milhões de pessoas que precisam de acesso a um conhecimento para sair dessa situação, pois não são apenas números; cada uma delas tem uma história. A maioria dessas pessoas quer pagar suas dívidas e limpar seu nome. Elas não conseguem dormir à noite, o que gera ansiedade, depressão e até suicídio. Falar sobre dinheiro e ensinar as pessoas a cuidarem dele não é apenas sobre finanças, é sobre saúde pública. Sempre tive isso como uma máxima.

Qual foi a decisão mais ousada e lucrativa da sua carreira?

Precisei tomar várias. Quando criei meu primeiro curso, fui reticente. No começo da Me Poupe, vindo da TV, o único modelo de negócio que eu conhecia era oferecer conteúdo gratuito e receber por patrocínio. Criei um filtro de valores para determinar com quais parceiros me associaria, pois entendi cedo que minha marca era meu ativo mais importante. A marca do outro, por maior que seja, não é mais importante que a minha. Eu precisava saber com quais empresas poderia associar minha imagem de forma que minha reputação permanecesse inabalável. Foi uma decisão ousada, pois eu não tinha dinheiro e o que mais aparecia eram grandes bancos querendo me patrocinar. A resposta sempre foi “não”. Se eu fosse patrocinada por um deles, meus princípios seriam comprometidos. Não que os bancos sejam 100% ruins, mas 70% certamente são. Dizer “não” sem

dinheiro pode parecer difícil, mas quando se tem uma hierarquia de valores clara, torna-se fácil e libertador. Eu tinha certeza de que aquilo me colocaria no caminho certo. Sabia que, quanto mais reputação eu construísse, mais caro poderia cobrar de parceiros que fizessem sentido. Outra decisão foi criar a “Jornada da Desfudência”. O público pedia consultoria, mas eu queria algo escalável. Criei um treinamento para que as pessoas se tornassem autônomas. Para entrar, não bastava pagar; era preciso passar em uma prova, como um vestibular. Todos no mercado digital diziam que era loucura criar uma barreira. O resultado foi que tivemos 30 mil pessoas fazendo a prova simultaneamente, sem investir um real em mídia. Foi uma decisão disruptiva e ousada.

Existe um fator comum entre as pessoas com dificuldades financeiras?

Todas elas têm, sem saber, os “preceitos financeiros”, ou o que alguns chamam de crenças limitantes. São “verdades” que aprendemos culturalmente ou em família, mas que não são reais. Por exemplo, mulheres que acreditam que “dinheiro é coisa de homem”. Muitas dizem: “Ah, isso quem cuida é meu marido, não sou boa nisso”, como se fosse uma verdade absoluta. Isso não é verdade. Os homens também não são bons nisso, apenas demonstram mais segurança e confiança. Isso é “muito distante” até que você começa a aprender, como tudo na vida. Vou falar que é super fácil? Não, não é fácil; você precisa de um professor bom. Pode parecer difícil porque são muitas camadas para você aprender para, de fato, capturar a história do jogo. Você tem de saber o que é taxa Selic, tem de saber a relação da Selic com a inflação, tem de saber porque a tarifa do Trump influencia no teu investimento, precisa saber, ao pegar um crédito imobiliário, quanto tempo você vai pagar e se vale a pena mesmo amortizar aquela parcela.

Você participa de vários projetos sociais. Qual deles mais te marcou?

Tudo que a gente faz relacionado a mulheres e à liberdade financeira marca muito. Quando você dá o conhecimento, dá a capacidade de a pessoa



REPRODUÇÃO/ISTOÉ

fazer o que ela quiser com aquilo. O dinheiro, sem conhecimento, vira pó. No ano passado, quando teve a enchente no Rio Grande do Sul, a gente fez uma grande mobilização com os nossos seguidores para arrecadar dinheiro para uma ONG chamada Mulheres em Construção. Arrecadamos meio milhão de reais em uma semana para que ela pudesse capacitar mulheres para reconstruir suas casas e também começarem a ter uma nova fonte de renda como pedreiras, gesseiras, eletricistas. Este ano, eu voltei lá para ver como o dinheiro tinha sido utilizado. Vi turmas formadas e mulheres que pegaram firme e estão se formando engenheiras – uma universidade cedeu bolsas. Tenho a premissa de mostrar para pessoas o que o dinheiro delas financiou. Foi algo muito lindo.

E você lançou a Lojinha Nathalia Arcuri. De onde saiu essa ideia?

A questão da violência doméstica sempre mexeu muito comigo, principalmente pela dependência financeira. A ideia da lojinha é: poxa, as pessoas adoram vestir coisas que tenham frases impactantes e tal. A galera adora uma blusinha, um moletonzinho e tal. Sou contra você ficar comprando coisas. Mas, já que a pessoa vai consumir, se quer vestir uma coisa com uma frase que faça sentido para ela, por que não fazer isso com material bom e que ainda tem um efeito colateral de mudança real na vida de mulheres vítimas de abuso e violência doméstica? Essa foi a ideia. São várias peças com várias frases e 100% do lucro vão para duas

ONGs, Instituto Glória [que utiliza inteligência artificial para denúncias online e análise de dados para coletar informações, gerar conteúdo educacional e criar uma rede de apoio para combater a violência contra mulheres e meninas] e para Justiceiras, que atendeu mais de 20 mil mulheres [em situação de abuso] nos últimos anos e que tem uma rede de voluntárias gigantesca, que dá apoio psicológico, financeiro, abrigo.

Qual o erro mais comum que as pessoas cometem na vida financeira?

São vários. O primeiro é achar que vai sobrar dinheiro no fim do mês. Não sobra. Outro erro é acreditar ser uma pessoa confiável com o próprio dinheiro. Você é um ser humano; não confie em si mesmo. A solução é: invista assim que receber e viva com o que resta. Nós somos adaptáveis. Comece tirando 5% e automatize o processo. Outro erro grave é assumir parcelas acima do que se pode pagar. Qual o limite de parcelas? No máximo, 30% da sua renda. Todas as suas parcelas, incluindo as do cartão de crédito, não deveriam somar mais do que 30% do que você ganha. Por fim, não investir com constância é um dos erros mais cruéis, especialmente no Brasil, o país dos juros altos, onde, com pouco dinheiro investido mensalmente, a longo prazo, qualquer um é milionário. Com R\$ 300 por mês para um filho recém-nascido, ele pode ser milionário aos 20 ou 30 anos. As pessoas não se tornam milionárias porque não sabem disso e não têm disciplina. **E**



O programa Gás do Povo, lançado por Lula, oferece botijões de GLP gratuitos

RICARDO STUCKERT/PR

Corrida para ganhar o eleitor

Lula e Tarcísio esboçam suas estratégias para 2026 com foco em obras e programas sociais como suas bandeiras de campanha

João Vitor Revedilho, de Brasília

Aum ano para as eleições de 2026, os dois principais nomes na corrida presidencial já se movimentam para fincar suas bandeiras eleitorais e alavancar as respectivas campanhas, ainda que nos bastidores. Enquanto monitoram o adversário, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Tarcísio de Freitas (Republicanos) tentam desgas-

tar um ao outro, no mesmo compasso em que impulsionam programas sociais e obras para emplacar seus nomes na disputa pelo Palácio do Planalto.

Discretamente, ambos já estão em pré-campanha. Eles se evitam em agendas públicas e aproveitam para partir para o ataque quando podem. O nome do governador paulista quase

não sai da boca de Lula, que usa seus ministros para atacar o chefe do Palácio dos Bandeirantes publicamente ou nas redes sociais. Por sua vez, Tarcísio manda indiretas ao Planalto e tem respondido aos ataques, principalmente contra Fernando Haddad, ministro da Fazenda e um dos postulantes ao governo de São Paulo.

Enquanto joga sua artilharia para o ataque, Lula tem aproveitado a boa maré para surfar na onda da recuperação de sua popularidade para emplacar projetos populares no Congresso Nacional. A estratégia tem sido dar preferência para propostas que deixem a oposição constrangida, obrigando o voto favorável. Do outro lado, Tarcísio foca no desgaste ao governo petista nos bastidores, com olho para o lançamento de programas sociais e com direito a pitadas políticas no orçamento do estado.

Para manter a popularidade em alta e embalar a reeleição, Lula tem mantido o foco no seu público: a população de baixa renda. Além de retomar sua principal bandeira de campanha, o Bolsa Família, o petista investiu em novos programas sociais para pregar seu nome no próximo pleito. Neste ano, Lula lançou o programa Gás do Povo, com investimentos médio de R\$ 5,1 bilhões no ano que vem, para oferecer botijões de GLP gratuitos para pessoas registradas no Cadastro Único (CadÚnico). As redes credenciadas deverão ter o selo do programa, reforçando a campanha do petista. Outro programa que ganha mais atenção é o Pé-de-Meia, que oferece uma verba mensal para a manutenção de estudos. A medida recebeu aporte de R\$ 800 milhões apenas em janeiro deste ano.

O petista também catapultou investimentos no setor de infraestrutura, um dos principais motes de campanha de seu adversário. Ao retomar o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), Lula passou de R\$ 47,1 bilhões em 2024 para R\$ 77,6 bilhões em 2026 o orçamento do programa que financia obras públicas. Os dados são do Sistema Integrado de Planejamento e Orçamento do Governo Federal (Siop), ligado ao Ministério do Planejamento e Orçamento. O governo alavancou ainda o Minha Casa Minha Vida e prepara um novo braço do programa, que empres-

tará dinheiro para reformas de residências, com previsão de R\$ 750 milhões em investimentos apenas neste ano.

Para além disso, Lula deve usar as pautas populistas para financiar sua campanha eleitoral no ano que vem. A principal delas é a isenção do Imposto de Renda para quem ganha até R\$ 5 mil a partir de 2026. O projeto já foi aprovado pela Câmara dos Deputados e tende a passar pelo crivo do Senado até o começo de novembro. O projeto prevê ainda uma faixa progressiva de cobrança para quem recebe até R\$ 7,3 mil por mês, taxa de investimentos acima de R\$ 50 mil, além de tributar os chamados “super-ricos” que faturam mais de R\$ 1,2 milhão. Para convencer o eleitorado, a campanha deve investir no argumento de que o governo petista cumpriu uma promessa feita em 2022.

Passando essa fase, o governo prepara seu próximo ataque: o projeto que põe fim à escala 6x1 de trabalho. A Proposta de Emenda à Constituição (PEC) está travada na Câmara dos Deputados, mas parlamentares governistas apontam que há chances da retomada do andamento da matéria nesta reta final de ano. O Planalto quer usar a pauta para dar sinalizações ao setor trabalhista, de quem se afastou parcialmente neste terceiro mandato, e para retomar a “essência petista”.

Enquanto o Planalto impulsiona o populismo, no Palácio dos Bandeirantes “estratégia” é o mote do momento. Tarcísio de Freitas tem articulado movimentos sem deixar rastros. Embora demonstre resistência à sua candidatura à presidência da República e apon- te a vontade de manter o foco na sua reeleição em São Paulo, o governador é pressionado pela cúpula do Centrão e por banqueiros para mostrar as caras.

O papel tem sido cumprido de forma discreta e por telefone. Um exemplo foi a interferência direta na derrubada da MP 1303, que previa o aumento de impostos para alavancar a arrecadação da União. Mesmo que Tarcísio negue publicamente, deputados relataram à reportagem de IstoÉ terem recebido ligações do governador e intermediários para medir a temperatura do projeto e chegaram a ouvir o pedido para deixar a proposta caducar. A articulação funcionou. O Centrão mudou de posição e



Tarcísio dará atenção ao Casa Paulista, programa que concorre com o Minha Casa Minha Vida

impôs uma derrota acachapante ao governo Lula, que terá de redesenhar seu orçamento para fechar o ano sem déficit.

De quebra, Tarcísio já começa a esboçar suas bandeiras eleitorais, também com foco em programas sociais e obras públicas. Ex-ministro da Infraestrutura no governo Bolsonaro, o governador deve usar sua expertise para a campanha. Um dos investimentos é a construção do túnel Santos-Guarujá, que ficará pronto apenas em 2028. A obra é financiada com a ajuda do governo federal, mas Tarcísio quer tomar para si o protagonismo no tema.

Outro movimento que se articula é o investimento na área que seu adversário domina, exatamente os programas sociais. Recentemente, o governador de São Paulo lançou o programa SuperAção, medida que unifica ações sociais ligados ao governo do Estado. Estão previstos R\$ 500 milhões nessa iniciativa, mais o aporte de US\$ 100 milhões bancados pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Também deve entrar no foco de Tarcísio o programa Casa Paulista, de habitação popular. Ele concorre com o Minha Casa Minha Vida. A proposta é mais um braço do SuperAção. Para concorrer com Lula e avalizar as promessas, o governador precisou alavancar o orçamento para o setor. Em 2026, o investimento na Secretaria do Desenvolvimento Social do estado saltará de R\$ 1,2 bilhão para R\$ 1,9 bilhão, de

acordo com a Lei Orçamentária Anual (LOA) enviada à Assembleia Legislativa de São Paulo.

Kassab: a peça-chave

Um dos principais nomes da política nacional, Gilberto Kassab é a peça-chave para os dois lados da moeda. Presidente do PSD, ele transita tanto pelo Bandeirantes, onde comanda a secretaria de governo, quanto pelo Planalto, a quem apoia na esfera federal. Para 2026, todavia, o ex-prefeito de São Paulo pende para o governador paulista, ou até mesmo, pela independência. Seu partido tem dois pré-candidatos à presidência – Ratinho Jr e Eduardo Leite. Lançá-los pode tirar seu comprometimento com os dois nomes mais fortes na disputa.

Enquanto Lula tenta manter o PSD em sua base no governo depois das demissões de indicados de partidos do Centrão para cargos nas autarquias, em retaliação à derrota na MP 1303, Tarcísio traçou sua estratégia dando mais recursos para o ex-prefeito de São Paulo. O governador paulista resolveu aumentar o poder de Kassab e alavancou em R\$ 1,4 bilhão o orçamento da secretaria comandada por ele no próximo ano. Os valores saltaram de míseros R\$ 449 milhões para R\$ 1,8 bilhão na previsão orçamentária. É um sinal de que deseja seu aval e apoio, seja na corrida presidencial, seja pela disputa na esfera estadual. **E**

Luís Roberto Barroso antecipou a aposentadoria em um discurso emocionado

Quem escolher?

Saída antecipada do ministro Luís Roberto Barroso do STF força Lula a uma decisão crucial entre os nomes que circulam em Brasília – e há pressão por uma mulher na vaga

João Vitor Revedilho, de Brasília, e Leonardo Rodrigues

Durante a manhã da quinta-feira, 9, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) recolhia os cacos da derrota acachapante na MP 1303/2025, que previa aumento de impostos para alavancar a arrecadação. Irritado com a traição do Centrão, o petista não imaginava que mais uma “dor de cabeça” estava por vir. No final da tarde, ao apagar das luzes da sessão plenária no Supremo Tribunal Federal (STF), o ministro Luís Roberto Barroso colocou um ponto final na sua história de 12 anos de tribunal com um discurso emocionado.

A notícia pegou o petista de surpresa, que recebeu mais uma frente de pressão ao seu redor. Lula esperava que o agora ex-ministro aguardasse até o final do ano para anunciar a aposentadoria, mas os apelos não foram atendidos. O chefe do Planalto não queria ser pressionado para fazer nova indicação à Corte antes das definições po-

líticas para as eleições de 2026. Mas a saída antecipada de Barroso acirrou a disputa pela cadeira, que já estava em especulação há pelo menos dois anos. Até a semana passada, quatro nomes concorriam à vaga, mas, com o passar dos dias, apenas dois sobraram: o ministro-chefe da Advocacia-Geral da União (AGU), o pernambucano Jorge Messias, e Rodrigo Pacheco (PSD-MG), ex-presidente do Senado.

Messias é o preferido de Lula. Ele tem apoio de grande parte da comitiva do Palácio do Planalto, além de cor-religionários do PT. O chefe da AGU também conta com o aval do Prerrogativas, grupo de advogados aliados do presidente da República. Na avaliação de palacianos, Messias é um nome fiel ao petista e merece a vaga pela lealdade demonstrada. Os governistas apontam como exemplo o trabalho feito por ele na guerra pelo aumento do Imposto so-

bre Operações Financeiras (IOF), vendida pelo governo no STF.

Outro ponto que conta a favor do AGU é a relação com os evangélicos. Fiel da Igreja Batista Cristã, Messias é uma das raras pontes entre o petista e a comunidade evangélica. A indicação poderia ser interpretada como uma sinalização ao público religioso, atualmente mais próximo da ala do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), visando as eleições de 2026.

A tese é corroborada por Vinícius do Valle, ex-diretor do Observatório Evangélico. Ele afirma não ver o ministro da AGU como uma liderança evangélica, mas um “evangélico comum, que vai ao templo do seu bairro”. Todavia, acredita que seu peso político no segmento vem da “boa circulação” entre as lideranças, rara no grupo dos políticos progressistas.

Já Pacheco é o principal nome do Senado e do próprio STF para assumir o posto de Barroso. Ao contrário de Messias, que enfrenta resistência na oposição, Pacheco poderia passar pelo crivo dos senadores sem qualquer resistência e com votos dos oposicionistas. A unanimidade em torno do nome do ex-presidente do Senado é quase certa no Salão Azul. Na avaliação dos parlamentares, o nome do ex-presidente da Casa é um contraponto para apaziguar a relação entre Legislativo e Judiciário após as “interferências” do STF em pautas do Congresso. Eles ainda veem que Pacheco pode minimizar o peso das decisões sobre o bloqueio de emendas parlamentares.

O principal fiador do nome do ex-chefe do Congresso Nacional é o seu sucessor, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP). Nos últimos dias, Alcolumbre tem enviado sinalizações de preferência por Pacheco ao Palácio do Planalto. Um dos indicativos foi o convite para que ele participasse de um encontro com o ministro Edson Fachin, presidente da Corte, na segunda-feira, 13.

Pacheco também é o favorito de ministros do STF. Na terça-feira, 14, Lula convocou um jantar no Palácio do Alvorada com quatro membros da Suprema Corte: o decano Gilmar Mendes, Alexandre de Moraes, Flávio Dino e Cristiano Zanin. Mesmo que a indicação não tenha entrado em pauta



O ministro-chefe da AGU, Jorge Messias, é o favorito de Lula

DANIEL ESTEVÃO/ASCOMAGU

Saída de Barroso

A saída de Barroso já era ensaiada há pelo menos dois anos, desde a morte de sua esposa, Tereza Barroso, em janeiro de 2023. Ele tinha avisado aos colegas da Suprema Corte sobre a possibilidade de aposentadoria, enquanto seus pares tentavam demovê-lo da ideia. Na quarta-feira, 9, Barroso convocou uma reunião em seu gabinete. Parte de seus assessores já sabia o assunto, que ficava longe da institucionalidade, processos do gabinete ou encontros de rotina. No mesmo dia, o ex-presidente do STF foi ao gabinete da presidência da Corte, onde se reuniu com os ministros Edson Fachin e Alexandre de Moraes, presidente e vice-presidente do colegiado. Ali, ambos foram comunicados sobre a última semana dele no cargo.

Barroso passou mal na quarta-feira, 15, e chegou a ser hospitalizado com suspeita de uma virose. Recebeu alta no dia seguinte. Antes desse problema, ele tinha deixado indícios de que se manterá como professor universitário e palestrante. O ministro também deve retomar sua carreira de escritor de livros jurídicos. **E**

no encontro, três deles já apontaram o senador como nome certo para a Corte. Assessores do STF avaliam que o nome do mineiro dá maior robustez aos trabalhos do Judiciário. Moraes é o principal defensor de Pacheco na cadeira de Barroso. Mendes e Dino também o apoiam.

Essa será a terceira indicação de Lula neste terceiro mandato – antes, indicou Zanin e Dino. Ao contrário das últimas vezes, Lula não deve demorar para validar o novo nome, o que deve acontecer nos próximos dias. O petista vai para a sua 11ª indicação nos três períodos em que comandou o país, sendo o quarto presidente que mais indicou ministros do STF – atrás de Getúlio Vargas (21), Deodoro da Fonseca e Prudente de Moraes (ambos com 15).

aposentadoria, o ministro afirmou que sempre defendeu as mulheres nos tribunais superiores. Entidades também intensificaram a pressão para a indicação de um nome feminino, com 13 nomes indicados para a sucessão. Entre eles estão os de Maria Elizabeth Rocha, presidente do Superior Tribunal Militar (STM), e Edilene Lobo, ministra do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

ANTÔNIO CRUZ/AGÊNCIA BRASIL

Rodrigo Pacheco, ex-presidente do Senado, tem os apoios de Davi Alcolumbre, Flavio Dino e Cristiano Zanin



Mulheres de fora

A aposentadoria de Barroso abriu espaço para a retomada de um movimento pela indicação de uma mulher para a cadeira no STF. Em 134 anos de história, apenas três ocuparam as principais posições na Corte: Ellen Gracie (2000 a 2011), Cármen Lúcia (2006 – presente) e Rosa Weber (2011 – 2023). A pressão vem, principalmente, da ala feminina do Palácio do Planalto, mesmo que admitam nos bastidores que Lula deverá indicar um homem para o cargo.

O nome de uma mulher também foi defendido por Barroso. Em conversa com jornalistas após anunciar sua

Prato vazio

Fora do Mapa da Fome,
o Brasil melhora números,
mas ainda enfrenta o desafio
da insegurança alimentar que
atinge 24,2% dos lares

Giorgia Cavicchioli

O número de domicílios com algum grau de insegurança alimentar chega a 18,9 milhões

Pode um país estar fora das estatísticas globais de fome e, ao mesmo tempo, ter uma porção importante de sua população sem ter a certeza de que conseguirá colocar hoje comida à mesa? Soa paradoxal, mas os números mostram que essas duas realidades convivem na mesma nação. Em julho passado, o Brasil saiu do Mapa da Fome, após três anos marcando presença no relatório da ONU (Organização das Nações Unidas). Isso demonstra que há uma melhora nesse cenário. O IBGE trouxe na mais recente PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) dados atuais do quadro de insegurança alimentar. Eles comprovam a queda nos índices, mas também atestam que o problema afeta um número significativo de pessoas: 24,2% dos lares brasileiros ainda sofrem com algum nível de privação. Ou seja, são 18,9 milhões de domicílios.

Sair do Mapa da Fome significa que menos de 2,5% da população está em risco de subnutrição. Isso tira o país

da categoria de insegurança alimentar grave. O Brasil já tinha deixado a lista em 2014. No entanto, depois de uma análise dos dados de 2018 a 2020, a ONU recolocou o país na categoria em 2021, sendo o ano de 2022 considerado o período mais crítico de fome. Depois, com base na média de dados de 2022 a 2024, o relatório “O Estado da Segurança Alimentar e Nutricional no Mundo 2025”, divulgado em julho, concluiu que o índice de risco caiu novamente.

Na segunda-feira, 13, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva reiterou o compromisso do Brasil contra a fome durante o Fórum Mundial da Alimentação 2025, considerado o principal evento anual da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura).

Lula disse no encontro, realizado em Roma, que “um país soberano é um país capaz de alimentar o seu povo” e que a fome “é inimiga da democracia”. Ele propôs a criação de um imposto global de 2% sobre os super-ricos co-

mo uma forma de financiar o combate à insegurança alimentar.

A ONU divulgou no fórum um relatório do Programa Mundial de Alimentos (WFP) que indica que, globalmente, o problema voltou a crescer. Segundo o documento, 13,7 milhões de pessoas em países como Afeganistão, Haiti, Somália e Sudão correm risco de mudar a situação de “crise” para “emergência” de fome devido a cortes na ajuda humanitária. O WFP projeta um orçamento 40% menor em 2025 – de US\$ 10 bilhões para US\$ 6,4 bilhões – e adverte que o retrocesso ameaça décadas de avanços no combate à insegurança alimentar.

Sobre o Brasil, Lula destacou que, em 2024, o país alcançou a menor proporção de lares em insegurança alimentar grave na história. “Estamos interrompendo o ciclo de exclusão”.

É fato. A PNAD que investigou a segurança alimentar, divulgada na sexta-feira, 10, revelou que, de 2023 para 2024, diminuiu o número de domicí-



No Fórum Mundial da Alimentação, Lula reafirmou o compromisso do país contra a fome

RICARDO STUCKERT/TPR

lios com algum grau de insegurança alimentar. O índice passou de 27,6% para 24,2%. O dado representa 2,2 milhões de lares a menos nessa condição.

No quadro da insegurança alimentar, 16,4% das famílias estão em uma situação leve de insegurança alimentar; 4,5% estão na faixa moderada e 3,2% vivem em uma condição grave. Essa última significa falta de qualidade e redução na quantidade de alimentos que afetam menores de 18 anos.

De acordo com Rodrigo “Kiko” Afonso, diretor executivo da Ação da Cidadania, organização que combate a fome no Brasil desde 1993, o país vive um momento de reconstrução. Ele observa que a PNAD comprova que ainda não voltamos ao patamar de dignidade plena que tínhamos antes de 2015. “A fome recuou, mas isso ainda representa 18,9 milhões de lares onde há algum nível de privação de comida. E, entre eles, 2,5 milhões vivem a fome em sua forma mais grave, inclusi-

Entenda a classificação dos níveis de insegurança alimentar

O anúncio aconteceu durante evento oficial da 2ª Cúpula de Sistemas Alimentares da ONU, na Etiópia

Leve preocupação ou incerteza quanto ao acesso a alimentos e redução da qualidade para não afetar a quantidade;

Moderada falta de qualidade e redução na quantidade de alimentos entre adultos;

Grave falta de qualidade e redução na quantidade de alimentos também entre menores de 18 anos. Nessa situação, a fome passa a ser uma experiência vivida no domicílio.

ve com crianças passando dias sem se alimentar”, afirma.

Segundo ele, o desafio agora é duplo: capilaridade e continuidade. “As políticas voltaram, mas não estão chegando a todos. A engrenagem federal funciona, mas o problema está na ponta: municípios desestruturados, CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) sucateados e pouca busca ativa. Enquanto uma família precisar pegar dois ônibus para chegar ao CRAS e se cadastrar, a política pública não vai funcionar plenamente”, explica.

A superação da situação passaria por três pilares: fortalecer a rede municipal de assistência social; garantir continuidade orçamentária para políticas estruturantes; e integrar renda, trabalho e alimentação saudável. “Porque a fome hoje não é só falta de dinheiro; é também falta de acesso, tempo e infraestrutura alimentar”, completa.

A PNAD mostrou que a baixa renda e a informalidade no Brasil são os



Rodrigo Afonso,
da Ação da
Cidadania: a fome
é também falta de
acesso, tempo e
infraestrutura

THAIS ALVARENGA

principais vetores da fome no país. De acordo com a pesquisa, a insegurança alimentar atinge 71,9% dos lares brasileiros com renda de até um salário mínimo per capita no grau moderado ou grave de insegurança alimentar.

O estudo também apontou que a ocupação do chefe da família tem impacto significativo na capacidade de se garantir a aquisição de alimentos nos domicílios. Na pesquisa, 23,4% dos lares encontravam-se em situação de segurança alimentar quando o responsável estava empregado no setor privado com carteira de trabalho assinada. É o maior percentual dentre todas as categorias. Na lista das casas em que o alimento está garantido, apenas 6,6% se referem a chefes de família que não têm carteira de trabalho assinada.

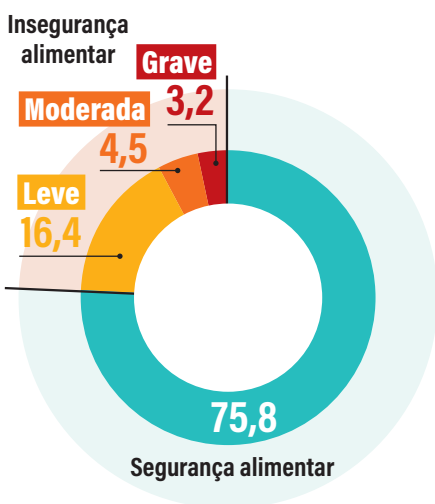
Dentre os domicílios em situação de insegurança alimentar grave, 15,5% dos responsáveis pelo lar vivem “por conta” (sem ter uma ocupação definida); 8,3% são empregados do setor privado com carteira de trabalho assinada; e 6,7% são trabalhadores domésticos.

De acordo com Afonso, emprego formal é a melhor política de segurança alimentar que existe. “Quando a pessoa tem carteira assinada, ela tem previsibilidade: sabe quanto vai receber, pode planejar, consegue se alimentar melhor e garantir comida na mesa todos os dias. O problema é que boa parte do Brasil ainda vive na informalidade, sem rede de proteção trabalhista ou previdenciária. Há uma nova forma de vulnerabilidade: o trabalhador que tem renda, mas não tem estabilidade. Ele não passa fome hoje, mas vive com medo da fome amanhã”, explica.

O caminho para mudar isso, segundo o diretor executivo da Ação da Cidadania, passa por dois movimentos complementares. Um deles é a formalização com flexibilidade, que permita ao trabalhador informal migrar para a formalidade sem perder renda. É uma proposta com estímulos à microempresa individual, à agricultura familiar e ao cooperativismo. O outro é a integração das políticas de emprego e assistência social, com a valorização do CRAS. “Ele não pode ser apenas um espaço de cadastro. Deve ser também uma porta para a inserção produtiva”, completa. **E**

Situação de segurança alimentar

Domicílios particulares no Brasil (%)



Situação do domicílio (%)

	Segurança alimentar	Insegurança alimentar
Urbano	76,8	23,2
Rural	68,7	31,4

Cor ou raça (%)

	Segurança alimentar	Insegurança alimentar
Branca	45,7	28,5
Preta	11,1	31,4
Parda	42,0	54,7

Nível de instrução (%)

	Segurança alimentar	Insegurança alimentar
Sem instrução	4,4	7,0
Ensino fundamental incompleto ou equivalente	14,7	30,5
Ensino fundamental completo ou equivalente	8,6	15,9
Ensino médio incompleto ou equivalente	7,0	7,0
Ensino médio completo ou equivalente	32,1	31,4
Ensino superior incompleto ou equivalente	3,3	4,3
Superior completo	23,3	3,8

Fonte: IBGE

(1) Características do responsável pelo domicílio.

Rede de fraudes

Força-tarefa em cinco estados intensifica investigações sobre a origem de contaminações por metanol e envolve 24 empresas; país tem oito mortes confirmadas

Uma força-tarefa conjunta da Polícia Federal, da Receita Federal, da ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis) e do ministério da Agricultura deflagrada na quinta-feira, 16, coletou materiais e substâncias suspeitas de adulteração com metanol em 24 empresas de cinco estados brasileiros.

Batizada de Operação Alquimia, a ação investigou distribuidores de metanol, terminais marítimos, destilarias espalhados por São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Os materiais coletados nesses locais serão enviados para comparação

química com o metanol encontrado em bebidas falsificadas. O objetivo é chegar à origem do escândalo do metanol.

A investigação aponta que há fortes indícios de que um esquema de adulteração de combustíveis operado pelo crime organizado esteja associado à fabricação clandestina de bebidas. O metanol teria sido importado por empresas químicas regulares e era desviado para postos de combustíveis e, potencialmente, para a fabricação de bebidas.

Em São Paulo, a força-tarefa da Polícia Civil localizou na sexta-feira, 10, uma fábrica clandestina de bebidas em São Bernardo do Campo, no ABC pau-

lista. Ela foi indicada como a origem provável de garrafas contaminadas com metanol. No local, foram apreendidas centenas de recipientes, rótulos falsificados e equipamentos usados para engarrafar destilados de forma irregular. Segundo a perícia, algumas amostras de gin e vodka continham até 45% de metanol, uma concentração considerada letal — o limite tolerável é de apenas duas gotas por 100 mililitros.

De acordo com o secretário da Segurança Pública de São Paulo, Guilherme Derrite, o etanol usado pelos falsificadores teria sido comprado de um posto que já vendia combustível adulterado com metanol. “O falsificador foi no posto comprar etanol para falsificar a bebida e o dono do posto vendeu etanol falsificado com metanol”, afirmou. O caso é considerado a maior descoberta desde o início da força-tarefa, deflagrada em 29 de setembro.

Oito mortes

Os casos de intoxicação por metanol acrescido a bebidas alcoólicas seguem crescendo no país. O boletim divulgado pelo Ministério da Saúde na quarta-feira, 15, elevou para 41 o número de casos confirmados e para oito o total de mortes. Outras 107 notificações seguem sob investigação (489 foram descartadas).

São Paulo concentra 60,8% das notificações: são 33 casos confirmados e 57 ainda sob apuração. Em Pernambuco, onde três casos foram confirmados e dois resultaram em morte, a polícia trabalha com a hipótese de que as vítimas tenham consumido bebidas fabricadas no estado paulista. O Paraná registra quatro casos confirmados, e o Rio Grande do Sul, um.

As oito vítimas fatais com intoxicações confirmadas são: Ricardo Lopes Mira, 54 anos; Marcos Antônio Jorge Júnior, 46; Marcelo Lombardi, 45; Bruna Araújo, 30; Daniel Antonio Francisco Ferreira, 23; e Leonardo Anderson, 37 — todos moradores de São Paulo e região metropolitana. Em Pernambuco, morreram Jonas da Silva Filho, 25, e Celso da Silva, 43, ambos de Lagedo. Outras dez mortes permanecem em investigação: quatro em São Paulo, três em Pernambuco, uma em Mato Grosso do Sul, uma na Paraíba e uma no Paraná. **E**



PF, Receita Federal, ANP e ministério da Agricultura atuaram em conjunto

REPRODUÇÃO INSTAGRAM

De volta à mesa

Haddad busca retomar propostas da MP do IOF, derrubada pela Câmara, como saída para o rombo no orçamento de 2026; governo adiou votação da LDO

O governo federal está em busca de saídas para o rombo de R\$ 31,5 bilhões no orçamento de 2026, aberto após a queda da Medida Provisória 1303/2025, que previa elevação da alíquota do IOF sobre operações financeiras e aplicações de investimento, além de tributação maior sobre bets e de taxaço sobre grandes fortunas. Com a derrubada da chamada MP do IOF – como ficou conhecida –, há um impasse sobre o potencial de arrecadação no próximo ano. Uma das alternativas está em retomar as propostas menos polêmicas do texto, que não foi levado à pauta e caducou por estar no limite da validade. Foi o que revelou o ministro da Fazenda, Fernando Haddad na quarta-feira, 15.

O ministro se reuniu nesse dia com o presidente do Senado, Davi Alcolumbre

(União-AP). Depois do encontro, Haddad sinalizou que houve avanços nesse sentido. “Coloquei que aquilo que é incontroverso nós recuperamos de alguma maneira”, declarou. O ministro acrescentou que Alcolumbre “compreendeu o que está em jogo”. Mas essa solução ainda depende de um acordo mais amplo, que mobilize mais parlamentares.

Entre esses pontos incontroversos estão a limitação de compensações tributárias indevidas, que tem potencial de arrecadação de R\$ 10 bilhões, e revisões de cadastros de benefícios sociais, que podem gerar uma economia de R\$ 1,7 bilhão. De acordo com Haddad, esses trechos representam mais de 70% da proposta original e contavam com consenso entre governo e Congresso.

A derrubada da MP levou o governo a adiar a votação da Lei de Diretrizes

Orçamentárias (LDO). A votação estava marcada para a terça-feira, 14, na Comissão Mista de Orçamento (CMO) do Congresso. Haddad revelou não ver problema no adiamento. Ele pediu que o Legislativo aprove leis consistentes com a peça orçamentária. “É melhor gastar uma semana a mais (na LDO) e fechar um texto que faça sentido para todo mundo, do que você ter inconsistência entre LDO, orçamento e as leis que têm controle de gasto tributário e gasto primário”, afirmou.

“Qualquer que seja a decisão do Congresso, ela tem de ser consistente. Não pode uma lei apontar em uma direção e outra lei apontar em outra porque se não, não vamos fazer os números se encontrarem”, reforçou.

Na noite da quarta-feira, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva convocou uma reunião com Haddad e o ministro da Casa Civil, Rui Costa, para discutir as alternativas já pensadas para recompor a arrecadação que estava prevista com a MP. O encontro ocorreu no Palácio do Alvorada e durou cerca de uma hora. Haddad apresentou a Lula um cardápio de alternativas para compensar a perda de arrecadação. **E**



Haddad, após reunião com Davi Alcolumbre: “ele compreendeu o que está em jogo”

Quinta economia

Nesta semana, foi divulgada a projeção dos países com maior crescimento econômico em 2025, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI). O relatório World Economic Outlook apontou que o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil deve crescer 2,4% neste ano, acima da estimativa feita pela organização no primeiro semestre (2%). No ano passado, o PIB cresceu 3,3%. A questão fiscal, ainda mais nebulosa após a queda da MP 1303/2025, e o tarifaço dos Estados Unidos impactam o resultado.

No entanto, se as projeções do FMI forem confirmadas, a economia brasileira será a quinta de maior crescimento entre os países do G20 (fórum de cooperação internacional formado pelas maiores economias do mundo), à frente de Estados Unidos, Japão, México, Reino Unido e do bloco europeu.

JOSE CRUZ/AGÊNCIA BRASIL

Classe média no foco

Novo modelo de crédito imobiliário do governo federal deve reduzir custos e facilitar financiamento da casa própria

Matheus Almeida

Uma série de mudanças no crédito imobiliário, com atualização de regras do Sistema Financeiro de Habitação (SFH) e do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE), promete facilitar o sonho da casa própria para a classe média. Entre elas, estão o redirecionamento dos recursos advindos da caderneta de poupança para esse tipo de financiamento e a elevação do teto do valor da residência a ser adquirida, saindo de R\$ 1,5 milhão para R\$ 2,25 milhões. As novas medidas entraram em vigor na segunda-feira, 13, e a Caixa Econômica Federal estima financiar 80 mil novos imóveis até o fim de 2026.

Até as mudanças, as regras determinavam que 65% dos depósitos da poupança precisavam, obrigatoriamente, ser aplicados pelos bancos em crédito imo-

biliário; 20% eram depositados compulsoriamente no Banco Central; e 15% tinham livre aplicação. Com a reforma, haverá uma elevação gradual desse percentual para chegar a 100% dos recursos provenientes dos saldos da poupança para uso no crédito imobiliário, índice que deverá valer apenas em 2027.

Agora, na Caixa, a cota máxima de financiamento é de 80%. A instituição aponta que as novas regras beneficiam especialmente as famílias com renda mensal acima de R\$ 12 mil, faixa que tem mais dificuldades para acessar crédito para a compra da casa fora das taxas de mercado.

A atualização das medidas deverá reduzir custos no financiamento do novo lar. “A proposta foi desenhada para ampliar o acesso ao crédito e aumentar a concorrência, o que pode gerar taxas

menores e mais inclusão”, afirma o planejador financeiro Henrique Soares.

A mudança de mais fácil entendimento para quem deseja comprar seu primeiro imóvel é a elevação do valor máximo financiado para R\$ 2,25 milhões. Pelo modelo do SFH, é possível utilizar recursos do FGTS. Ele também limita os juros a um máximo de 12% ao ano. O aumento do teto do imóvel para esse patamar permite a aquisição de casas maiores (e melhores) com taxas mais baixas.

Parte das mudanças traz efeito indireto para as pessoas ao contribuir para melhorar o ambiente de crédito. Em relação ao uso dos recursos gerados pela caderneta de poupança, o compulsório depositado no Banco Central foi reduzido temporariamente de 20% para 15% para o uso das instituições que aderirem à iniciativa.

Isso quer dizer que está liberado todo o valor da caderneta para operações de uso livre dos bancos. Como contrapartida, eles deverão disponibilizar montante equivalente ao da caderneta para financiamentos via SFH. O impacto dessa medida é calculado entre R\$ 20 bilhões e R\$ 25 bilhões no crédito imobiliário. Se o formato se revelar eficaz para ampliar essa oferta e reduzir custos para a classe média adquirir sua casa, o funcionamento pleno do modelo (que está em teste) será oficializado em 2027.

Na visão de Soares, com mais bancos oferecendo crédito e com mais liberdade para as operações, o processo do financiamento deve ficar mais ágil e vantajoso no médio prazo. Ele também acredita que as instituições que não captam poupança também poderão oferecer crédito imobiliário em condições parecidas com as dos grandes bancos, usando os chamados Depósitos Interfinanceiros Imobiliários (DIIs). “Isso deve aumentar a competição e gerar melhores condições para o consumidor”, completa.

A planejadora financeira Rafaela de Sá avalia que, na prática, todas essas mudanças significam que mais famílias podem planejar a compra da casa própria com entrada menor e parcelas mais acessíveis, tornando o financiamento viável para quem antes enfrentava barreiras de renda ou altos custos iniciais. **E**

Pelo SFH, o teto do valor do imóvel a ser financiado passou de R\$ 1,5 milhão a R\$ 2,25 milhões



Não está claro quem pagará a reconstrução de Gaza, que ao menos agora está livre de bombardeios

Qual o caminho para Gaza?

DAWOUD ABU ALKAS

Cenas de uma execução cometida pelo Hamas contra membros de facções rivais comprovam que a conquista da paz na região é um processo muito distante dos planos traçados entre os negociadores do cessar-fogo

O mundo acompanhava com atenção a libertação dos últimos reféns do Hamas, capturados no monstruoso ataque cometido pelo grupo extremista em território israelense em outubro de 2023. Cenas de famílias recebendo sobreviventes, entre lágrimas e abraços, tomaram a mídia. Do lado palestino, na Faixa de Gaza, outras famílias saíram às ruas para celebrar o suposto fim de um conflito que durou mais de dois anos. O cessar-fogo celebrado entre Israel e Hamas, acordado com o apoio de lideranças do Catar,

do Egito, da Turquia e principalmente dos Estados Unidos, poderia indicar o início de um período sem bombardeios, sem destruição de prédios e sem a violência que tinha se tornado cotidiana no enclave. Na origem, o plano que permitiu esse entendimento traz a palavra “paz” como objetivo central. Na prática, ela é apenas um sonho. E quem trouxe essa realidade à tona foi o próprio Hamas ao confrontar grupos rivais com os quais disputa a retomada do poder na região – e isso horas depois os sobreviventes retornarem para Israel.

Na segunda-feira, 13, o grupo islâmico entregou 20 reféns — todos homens entre 21 e 48 anos — a representantes do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, em Gaza. Em contrapartida, governo do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu libertou quase dois mil palestinos que estavam em prisões israelenses. Os resultados das primeiras avaliações médicas dos reféns, feitas em Israel, falam da necessidade de uma contínua reabilitação física, psicológica e social. Eles retornaram com quadros de desnutrição severa, com perda de

Militantes palestinos montam guarda no sul da Faixa de Gaza



peso significativa, e, em alguns casos, com marcas de tortura – um deles teria perdido a visão de um olho. Há relatos de que parte deles foi mantida em túneis subterrâneos, sem acesso à luz solar ou a ar fresco. É o caso de Avinatan Or, que passou longos períodos de isolamento. Ele ficou acorrentado e preso em túneis ou pequenos compartimentos. Seu pai contou que Or recebia poucos alimentos, não tinha livros e estava privado de contato humano.

O acordo previa que o Hamas apresentaria os restos mortais de 28 reféns que pereceram no cativeiro, mas o grupo teria admitido não saber o paradeiro de todas essas pessoas. Na própria segunda-feira, começaram a ser entregues alguns corpos para os serviços de identificação. Foram realizados funerais para os que foram reconhecidos. O soldado Matan Angrest, um dos reféns soltos depois do cessar-fogo, compareceu ao enterro do capitão Daniel Peretz, que morreu no cativeiro e cujo corpo foi entregue pelo Hamas. Os dois serviram juntos quando foram capturados em outubro de 2023. Até a quinta-feira, 16, nove corpos foram encaminhados.

Como parte do acordo, o exército de Israel teve de deixar parte do território que estava sob seu controle em Gaza, inclusive a cidade de Rafah. Ironicamente, foi essa saída que permitiu que o horror voltasse a ocupar a região. Nos dias seguintes ao cessar-fogo, o Hamas retomou o controle dessas áreas. Na terça-feira, 14, um vídeo começou a circular na internet mostrando homens mascarados, armados e vestidos de preto – e com faixas verdes na cabeça, o que indicaria ligação com o Hamas – executando oito pessoas vendadas em uma praça de Gaza. Relatos apontam que outros confrontos aconteceram pela região. As cenas foram distribuídas em grupos do Telegram e no X (antigo Twitter). Ao que se sabe, os ataques do Hamas na cidade de Gaza mataram 32 pessoas. O grupo alegou, nas redes, que as ações foram tomadas para “restaurar a ordem”. Entre as vítimas estavam palestinos que foram apontados como delinquentes e colaboradores de Israel.

A execução pública envolve mais do que a “justificativa” de acabar com a “anarquia”, como disseram. O grupo tenta, com essas cenas de barbárie, re-

afirmar seu domínio interno em confronto com adversários organizados em clãs – que já eram inimigos do Hamas antes do conflito iniciado em 2023.

As imagens da execução, que teriam sido feitas na noite de segunda-feira, se espalharam rapidamente. “Essas demonstrações de força são uma mensagem política e simbólica”, declarou Simon Wolfgang Fuchs, especialista em estudos islâmicos da Universidade Hebraica de Jerusalém, para a Deutsche Welle. “O Hamas quer mostrar que não desapareceu com o recuo de Israel. Continua reivindicando Gaza”, acrescentou.

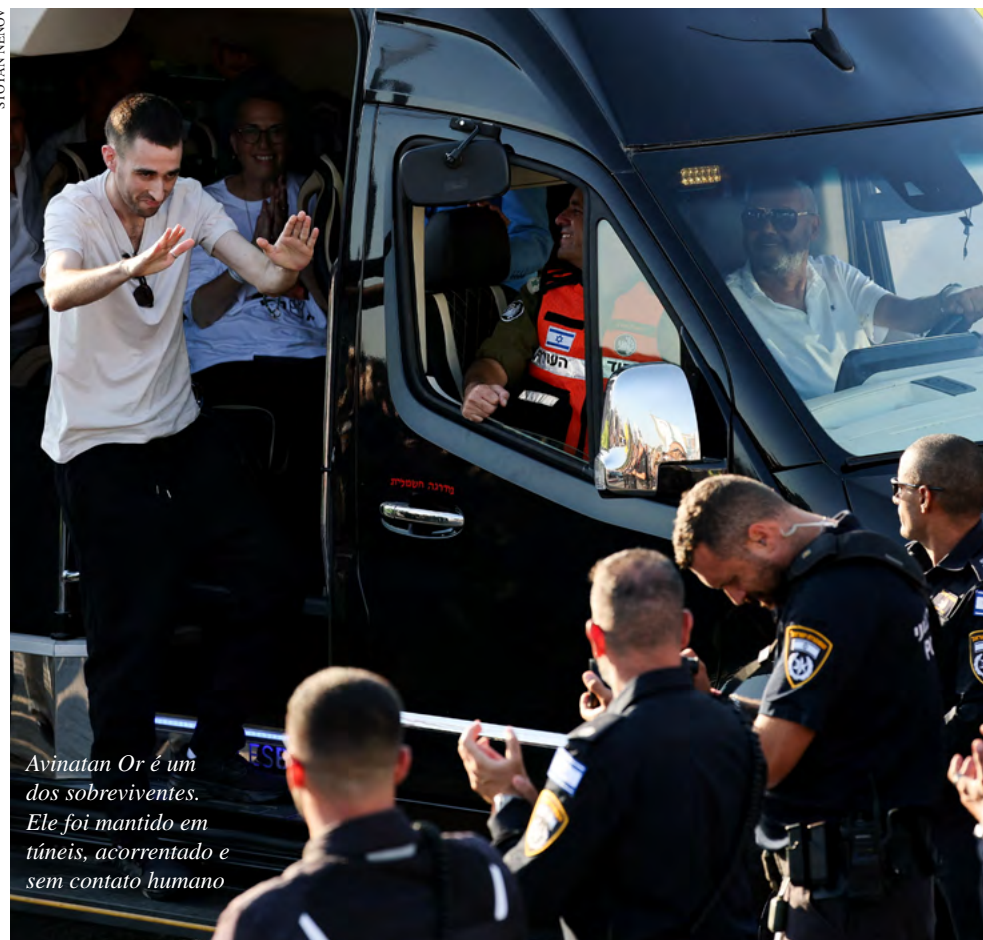
Em comunicado, o chefe do Comando Central do Exército dos Estados Unidos no Oriente Médio, Brad Cooper, avisou: “instamos firmemente o Hamas a suspender imediatamente a violência e os disparos contra civis palestinos inocentes”. Netanyahu avisou que a guerra não pode terminar até que o Hamas entregue suas armas e ceda

o controle de Gaza. E Trump afirmou que “se eles não se desarmarem, nós os desarmaremos. E isso acontecerá talvez de forma violenta”. Na quinta-feira, 16, escreveu na rede social Truth Social: “Se o Hamas continuar a matar pessoas em Gaza, não teremos escolha senão matá-los”.

O “céu azul”

Antes da selvageria entre Hamas e seus adversários se tornar pública, o tom era diferente. Na segunda-feira, 13, Trump havia participado de uma cúpula em Sharm el-Sheikh, no Egito, ao lado de representantes do Egito, Catar e Turquia, para assinar o documento do cessar-fogo. Nenhum representante de Israel ou do Hamas esteve presente no evento. No dia seguinte, o presidente norte-americano discursou no parlamento israelense (Knesset) e adotou um tom triunfal: “Os céus estão calmos, as armas estão silenciosas, as sirenes es-

STOYAN NENOV



Avinatan Or é um dos sobreviventes. Ele foi mantido em túneis, acorrentado e sem contato humano



RONEN ZVULIN

Matan Angrest, refém libertado, no funeral de um colega do exército, morto em cativeiro

tão paradas e o sol nasce em uma Terra Santa que finalmente está em paz”.

A verdade é que o cessar-fogo ainda depende de muitos fatores para sinalizar um projeto de reconstrução que tenha real sustentação. Depende de um equilíbrio social que hoje parece improvável e de um desarmamento que ninguém sabe como será implementado.

Enquanto isso, Gaza segue devastada. Segundo dados do Ministério da Saúde local, reconhecidos pela ONU, aproximadamente 68 mil palestinos morreram desde o início da guerra, a maioria civis. Relatórios humanitários indicam que mais de 500 mil pessoas enfrentam fome severa e que 2,2 milhões de habitantes – quase toda a população – estão deslocados.

O diretor de operações humanitárias da ONU, Tom Fletcher, afirmou em coletiva de imprensa na terça-feira, 14, que Israel precisa “permitir a entrada de ajuda humanitária em larga escala e aumentar maciçamente o fornecimento de alimentos, remédios e combustível”. Israel, contudo, mantém sob controle todos os pontos de passagem, incluindo o de Rafah, na fronteira com o Egito, que permanece fechado para ajuda internacional.

A reconstrução material de Gaza exigirá bilhões de dólares e o envolvimento coordenado de potências regio-

nais e organismos multilaterais. Mas há um desafio ainda maior: reconstruir o tecido social de um território esfacelado. “A destruição não é apenas física, é também moral e institucional”, afirmou Simon Engelkes, diretor da Fundação Konrad Adenauer em Ramallah, para a Deutsche Welle. “Há bairros inteiros apagados dos registros públicos, famílias sem certidão, escolas desaparecidas. O maior obstáculo será devolver sentido e pertencimento às pessoas.”

A segunda fase do acordo de Trump, prevista para o fim de 2025, traz pontos também incertos. O plano propõe o desarmamento completo do Hamas e a criação de uma força internacional de estabilização com agentes do Egito, da Jordânia e da Autoridade Palestina. Nenhum país, porém, confirmou oficialmente participação. O Hamas já rejeitou publicamente qualquer tentativa de expulsar seus membros da Faixa de Gaza, e Israel descarta a volta da Autoridade Palestina ao controle do território. O impasse ameaça paralisar o processo de reconstrução antes mesmo de começar. Por outro lado, excluir totalmente o Hamas poderá criar um efeito colateral: o grupo agir na absoluta clandestinidade, dentro e fora do enclave. Por tudo isso, cresce entre analistas de geopolítica o consenso de que o que se obteve está longe de ser paz, mas uma suspensão temporária da guerra.

O plano de Trump inclui incentivos econômicos e promessas de fundos do Golfo, mas não especifica quem coordenará os recursos nem como evitar desvios em um território sob bloqueio militar. A ONU estima que o custo da reconstrução possa ultrapassar US\$ 60 bilhões, valor superior ao PIB anual de vários países árabes.

Professora de Relações Internacionais e Direito do Ibmec e assessora acadêmica do Instituto Brasil Israel, Karina Calandrin reitera que não está claro quem terá autoridade e legitimidade para impor e verificar o desarmamento do Hamas. E isso abre espaço para contestação e manobras por parte do próprio grupo e de facções rivais ou clãs locais, resistentes a ceder poder. “Além disso, existe o risco de um vácuo de segurança caso o desarmamento avance sem que haja uma força substituta eficaz para manter a ordem, o que poderia favorecer o surgimento de novos grupos armados ou desestabilizar ainda mais a região”.

Ela acrescenta que a disputa sobre quem governará Gaza é um ponto sensível. “Há quem defenda uma Autoridade Palestina tecnocrática, outros sugerem um arranjo envolvendo países árabes vizinhos, e ainda há desconfiança por parte de setores israelenses quanto a qualquer solução que não lhes garanta controle de segurança. Por fim, a política interna de Israel desempenha papel crucial, já que pressões da coalizão governista e da opinião pública podem dificultar concessões, tornando essa etapa particularmente delicada e sujeita a resistências de múltiplos lados”.

A paz, celebrada sob um céu que Trump descreveu como “azul”, definitivamente não chegou a Gaza. No terreno, o que se vê é cinza, poeira e desconfiança. O cessar-fogo deteve as bombas, mas não interrompeu a lógica da guerra. Se não há clareza sobre quem pagará a conta da reconstrução material, como saber quem irá assumir a tarefa, mais complexa, de devolver à população uma ideia mínima de futuro. Dois anos depois do conflito deflagrado e com poucos dias de trégua, a pergunta permanece sem resposta: qual é, afinal, o caminho para Gaza? **E**

Colaborou Luma Venâncio

Ameaça sobre a Quinta República

Crise do governo Macron alimenta debate sobre o sistema político francês



CONZALO FUENTES / REUTERS

Lecornu reassumiu o cargo de primeiro-ministro; ele suspendeu a reforma da Previdência

A crise do governo de Emmanuel Macron parece não ter fim e já extrapola o campo político, alcançando o próprio modelo político da França. O retorno de Sébastien Lecornu ao cargo de primeiro-ministro, apenas quatro dias depois de anunciar seu pedido de renúncia, expôs o esgotamento da chamada Quinta República, o sistema criado por Charles de Gaulle em 1958 para garantir estabilidade política ao país.

Lecornu foi reconduzido ao posto na noite da sexta-feira, 10, após intensas negociações, com a promessa de “governar sem ambições presidenciais”, uma alusão à corrida pelo Palácio do Eliseu em 2027, que já contamina alianças políticas e bloqueia compromissos no Congresso francês. Sua volta foi viabilizada

por um acordo tácito: suspender a reforma da Previdência, principal bandeira econômica de Macron, para conquistar apoio da esquerda moderada e evitar novo colapso.

O premiê anunciou a suspensão na terça-feira, 14, propondo congelar até 2028 o aumento da idade mínima de aposentadoria e do tempo de contribuição. A decisão visava principalmente o Partido Socialista, cujo apoio – ou abstenção – era crucial para impedir a aprovação de moções de censura, instrumento que, pela votação dos parlamentares, tem poder de derrubar o primeiro-ministro e dissolver o gabinete.

O cálculo funcionou: os socialistas decidiram não apoiar as moções apresentadas pela extrema-esquerda e pela extrema-direita na quinta-feira, 16, ga-

rantindo a sobrevivência do governo. Ainda assim, a margem foi estreita: 265 deputados votaram contra Lecornu. Com 289 votos, ele seria derrubado.

A crise atual reacendeu o debate sobre a arquitetura da Quinta República. Especialistas políticos apontam que o sistema funciona apenas quando o presidente tem maioria parlamentar — situação que Macron perdeu nas eleições de junho de 2024. A constituição gaullista concentra poder no Executivo, mas depende de um Parlamento dócil.

Projetado como antídoto à instabilidade da Quarta República, o modelo de De Gaulle agora produz o efeito inverso: premiês efêmeros e sucessivas moções de censura. Desde a dissolução do Parlamento, em 2024, uma medida tomada por Macron, cinco primeiros-ministros caíram em menos de dois anos.

Para entender parte das negociações dos últimos dias é preciso entender como as peças políticas se movem na França. As moções de censura – chamadas de “votos de desconfiança” – são capazes de desestabilizar um governo. Qualquer grupo parlamentar pode apresentá-las, e, se aprovadas por maioria absoluta, elas provocam a renúncia imediata do primeiro-ministro. Esse mecanismo foi pensado para garantir responsabilidade política, mas tornou-se arma de bloqueio num Parlamento fragmentado.

Ao suspender a reforma da Previdência e negociar diretamente com os socialistas nos dias que antecederam as votações da quinta-feira, 16, Lecornu conseguiu neutralizar a ameaça imediata. O recuo, porém, custou caro: enfraqueceu ainda mais Macron, adiou por pelo menos dois anos o enfrentamento do déficit previdenciário e colocou em xeque o projeto que simbolizava o compromisso do presidente com o equilíbrio fiscal. Em troca, o governo ganhou tempo – talvez apenas alguns meses – para evitar novas eleições antecipadas e preservar uma aparência de estabilidade.

Enquanto isso, a França segue dividida e o sistema de De Gaulle hoje parece incapaz de produzir qualquer forma de governo duradouro. O que foi criado para garantir estabilidade agora ameaça a própria sobrevivência da Quinta República. **E**

O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana

Estados Unidos

Califórnia cria lei para uso de IA por adolescentes

O governador da Califórnia, Gavin Newsom, sancionou na segunda-feira, 13, uma lei pioneira nos EUA que impõe regras aos chatbots de inteligência artificial, contrariando a Casa Branca, que defende ausência de controles. A medida surge após suicídios de adolescentes que interagiram com bots sem restrições. A lei exige verificação de idade, alertas de uso de IA e protocolos de prevenção ao suicídio. Também proíbe que chatbots se passem por profissionais de saúde e deixa claro que os criadores de ferramentas de IA são responsáveis pelas consequências e não podem se esquivar de responsabilidades, sob a alegação de que a tecnologia agiu de forma autônoma.

México

Chuvas deixam 64 mortos

As fortes chuvas que atingem o México desde a semana passada já causaram 64 mortes e deixaram dezenas de comunidades isoladas nos estados de Veracruz, Hidalgo e Puebla. Rios transbordaram, estradas foram destruídas e moradores enfrentam falta de alimentos e energia elétrica. Em Hidalgo, onde há 43 desaparecidos, civis e militares trabalham para reabrir vias e permitir o envio de ajuda. O governo montou pontes aéreas para levar mantimentos às áreas mais afetadas. As chuvas foram causadas pela combinação de um sistema tropical e uma frente fria.

Peru

Sete presidentes em uma década

O Congresso do Peru destituiu, na madrugada da sexta-feira, 10, a presidente Dina Boluarte, após acusações de corrupção e incapacidade para conter a criminalidade no país. O chefe do parlamento, José Jerí, assumiu o cargo, tornando-se o sétimo presidente desde 2016. Mas de forma interina. Dina foi alvo de denúncias ligadas ao escândalo chamado "Rolexgate". Com aprovação popular inferior a 4%, ela disse que sua saída "afeta a estabilidade da democracia" e negou irregularidades. Jerí prometeu "declarar guerra" às gangues que aterrorizam o país e liderar um governo de transição até as eleições de abril de 2026.

China

Pequim reage e pressiona os Estados Unidos com terras raras

A China prometeu "lutar até o fim" na guerra comercial após Donald Trump impor tarifa de 100% a produtos chineses, na sexta-feira, 10. Pequim reagiu com taxas a navios americanos e sanções à construtora sul-coreana Hanwha Ocean, com filiais nos EUA. O embate se agrava com o novo controle chinês sobre exportações de terras raras, elementos usados em chips, baterias e armas de alta tecnologia. A medida ampliou exigências de licenciamento e pode restringir o acesso dos norte-americanos a materiais cruciais para defesa e semicondutores, elevando o risco de uma escalada econômica entre as duas potências.

Índia

Google anuncia centro de IA

O Google investirá US\$ 15 bilhões na Índia nos próximos cinco anos para criar seu maior centro de Inteligência Artificial (IA) fora dos Estados Unidos, localizado em Visakhapatnam, no sul do país. O CEO do Google Cloud, Thomas Kurian, destacou que o projeto reforça as ambições indianas no setor. Com quase 900 milhões de usuários de internet, a Índia atrai gigantes do segmento: Anthropic, OpenAI e Perplexity já anunciaram planos de expansão no país, que desponta como um dos maiores polos globais para pesquisa e desenvolvimento em IA.

Madagascar

Impeachment de presidente é aprovado

O parlamento de Madagascar aprovou nesta terça-feira, 14, o impeachment do presidente Andry Rajoelina, que fugiu do país após semanas de protestos e deserções no Exército. A decisão, com 130 votos a favor e um em branco, ocorreu horas depois de o líder tentar dissolver a Assembleia Nacional por decreto, aprofundando a crise política na ilha do oceano Índico. Rajoelina, de 51 anos, deixou o país em um jato militar francês, mas afirma estar em "local seguro" devido a ameaças de morte e se recusa a renunciar, alegando que a votação é "inconstitucional".

A Oracle está na moda

Integrante da “velha guarda” do mundo da tecnologia, empresa ganhou novo fôlego com soluções de nuvem e inteligência artificial

*André Cardozo, de Las Vegas**

Há décadas entre as pessoas mais ricas do planeta, Larry Ellison estava no topo do mundo ao fazer seu discurso no Oracle AI World, evento realizado nesta semana nos Estados Unidos. A empresa fundada por ele, muitas vezes classificada como “chata” em comparação a nomes como Google, Meta e Amazon, voltou a figurar entre as companhias mais quentes do setor. E a principal razão está relacionada ao avanço da inteligência artificial.

Com seu entusiasmo característico, Ellison afirmou aos 16 mil presentes no evento que a IA vai mudar o futuro da humanidade. É hábito subir ao palco

em um encontro anual para falar sobre os caminhos da empresa e da tecnologia. “Vamos viver com mais qualidade, por mais tempo, comer melhor e morar em casas melhores”, disse.

Previsões entusiasmadas à parte, ele tem boas razões para apostar forte no “mundo maravilhoso da IA”. A inteligência artificial e as tecnologias de computação em nuvem reacenderam o interesse do mercado pela Oracle e, como consequência, aumentaram drasticamente a fortuna de seu fundador.

Apenas neste ano, as ações da Oracle valorizaram 70%, bem acima de outras big techs como Amazon, Google,

Apple e até mesmo a “superquente” Nvidia. Uma das razões desta valorização foi a divulgação de um acordo com a OpenAI, criadora do ChatGPT, no início de setembro.

O acordo prevê que a OpenAI irá pagar US\$ 300 bilhões ao longo de cinco anos para que a Oracle desenvolva a infraestrutura de nuvem necessária para expandir o ChatGPT e outras aplicações de IA. Além de prover serviços para a OpenAI, a Oracle possui acordos semelhantes com gigantes como Microsoft, Meta e xAi (de Elon Musk).

O acordo bilionário com a OpenAI é apenas parte do envolvimento da

Ele, o oráculo

Boa parte do atual sucesso da Oracle pode ser creditada a Larry Ellison, 81, fundador da companhia. Ele deixou o cargo de CEO em 2014, mas ainda é o maior acionista da empresa, além de ser CTO e presidente do conselho. Por isso, é visto pelo mercado como a pessoa que define a estratégia global da companhia.

Próximo de Donald Trump, Ellison foi um dos três nomes do mundo da tecnologia presentes na Casa Branca no lançamento do projeto Stargate em janeiro deste ano, ao lado de Sam Altman, da OpenAI, e Masayoshi Son, do

conglomerado japonês Softbank. Recentemente, o executivo estendeu sua influência também para o mundo da mídia. Em junho deste ano, a Skydance, empresa controlada pelo filho de Ellison, David, se fundiu à Paramount em um negócio estimado em US\$ 8 bilhões.

Sem a fama de Bill Gates (Microsoft) ou Steve Jobs (Apple), Ellison se mantém na seleta lista de “gurus” do Vale do Silício. Atualmente, é a quarta pessoa mais rica do mundo com fortuna na casa de US\$ 190 bilhões, ficando atrás apenas de Elon Musk (Tesla e X), Mark Zuckerberg (Meta) e Jeff Bezos (Amazon).



A Oracle em números

162 mil
funcionários

US\$ 880 bilhões
é o valor de mercado

US\$ 57 bilhões*
é a receita em 2025

*Valor referente ao ano fiscal da empresa, encerrado em maio

A sede da companhia fica em Austin, no Texas



DIVULGAÇÃO

Oracle no projeto Stargate, um ambicioso plano do governo norte-americano para assegurar que o país mantenha a liderança na corrida da inteligência artificial, em face da concorrência cada vez maior da China. O projeto prevê a construção de dezenas de data centers em território americano, e a Oracle terá participação fundamental no projeto.

De volta à cena

Lançada em 1977, a Oracle fez seu nome nos anos 1980 e 1990 ao dominar o setor de bancos de dados, em uma época em que a digitalização das empresas estava em seus primórdios. Atualmente, além deste setor, a Oracle tem soluções na área de software de planejamento e gestão (ERP), computação em nuvem e aplicações de inteligência artificial.

A companhia largou atrasada na corrida da computação em nuvem. Mas nos últimos anos vem ganhando espaço neste mercado. Uma das primeiras estratégias da Oracle foi levar seus bancos de dados para a nuvem, por meio de

sua própria estrutura, a Oracle Cloud Infrastructure (OCI), e também fazendo acordos com Microsoft, Amazon e Google, as três companhias dominantes no mercado de cloud computing. Mais recentemente, o envolvimento no projeto Stargate e os acordos com a OpenAI elevaram o patamar da empresa no cenário da corrida da IA.

Risco de bolha?

Apesar da euforia e dos números recordes, o mercado de IA navega sob a sombra de uma incerteza: o temor de uma bolha similar à que ocorreu na virada dos anos 2000. Ao longo dos últimos meses, o Fundo Monetário Internacional (FMI) tem manifestado preocupação com a valorização acelerada de companhias de tecnologia focadas em IA.

As principais dúvidas do FMI e de outras instituições residem na sustentabilidade do atual modelo de investimentos massivos em chips, datacenters e outros componentes necessários para apoiar o avanço da IA. A própria Ope-

nAI opera atualmente no prejuízo. Assim, a Oracle em tese correria o risco de investir fortunas para montar a infraestrutura e não “receber o cheque”.

Refletindo essas preocupações, a agência Moody's emitiu um comunicado em setembro no qual classifica o acordo Oracle/OpenAI como “histórico”, mas ao mesmo tempo afirma que os riscos do projeto são “significativos”. A agência de risco advertiu ainda que a companhia de Ellison pode passar por uma fase de “altíssimos níveis de investimento, o que pode gerar períodos prolongados de alavancagem financeira e balanços financeiros negativos”.

No limite, para que o atual otimismo do mercado se sustente, será necessário saber se o interesse das corporações por serviços e aplicações de IA vai se traduzir em investimentos. Caso isso não ocorra, a correção de rumo nas empresas de tecnologia pode ser brusca. No caso da Oracle, no entanto, a hora é de comemorar. **E**

**O jornalista viajou a convite da Oracle*

COP30 à vista

Em Brasília, último encontro antes da conferência do clima mostrou o tom das negociações – e dificuldades que podem surgir

Jennifer Ann Thomas

Por dois dias, negociadores de 67 países mergulharam no que a diplomacia climática tem de mais delicado. Costuraram acordos sem anunciá-los, mapearam impasses antes que virassem crises e tentaram transformar a urgência climática em compromissos concretos. A pré-COP, realizada em Brasília, não selou tratados, nem estampou manchetes com metas ambiciosas, mas fez um trabalho valioso a menos de um mês da COP30, em Belém. O encontro mostrou onde estão as fissuras e onde ainda há espaço para pontes. Em tempos de multilateralismo fragilizado, o Brasil assumiu o papel de anfitrião mediador

para evitar que a primeira COP da Amazônia não termine em um impasse.

O embaixador André Corrêa do Lago, presidente designado da COP30, explicou que o encontro permitiu mapear com precisão os limites das negociações. Dos 140 temas oficiais na agenda da conferência, a maioria é de ordem administrativa. De acordo com ele, restam cerca de sete muito importantes, e 20 críticos. “O que houve em Brasília, e que foi extremamente útil, é que nós temos os limites de cada país mais bem mapeados, porque eles foram muito claros no que podem ou não podem aceitar no processo negociador”, afirmou.

Ele reconheceu que o trabalho está longe de terminado. “As COPs têm essa dinâmica de suspense. Acho que conseguimos alguns pré consensos sem confirmação de que já sejam consensos”, declarou. Na abertura da pré-Cop, Marina Silva, ministra do Meio Ambiente e da Mudança Climática, manifestou sua expectativa para os próximos dias: “Que a COP30 possa se constituir como o grande mutirão da implementação dos acordos até aqui alcançados”.

A pré-COP concentrou esforços em três frentes principais: transição justa, adaptação climática e o balanço global do Acordo de Paris, também conhecido como Global Stocktake (GST). O último tema teve avanços mais consistentes, com países encontrando caminhos comuns. Mas nas outras duas áreas o cenário permanece nebuloso.

Natalie Unterstell, presidente do Instituto Talanoa, um think tank ambiental independente, avalia que o papel do Brasil como facilitador foi fundamental. No tema da adaptação climática, ela identifica uma contradição perigosa. Há um interesse coletivo em elevar politicamente a questão, que se tornou prioridade nos discursos.

Marina Silva na pré-COP: a conferência pode ser um “mutirão da implementação dos acordos alcançados até agora”





Corrêa do Lago: limites de cada país estão mais bem mapeados, mostrando o que as nações que podem ou não aceitar no processo negociador

FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

Porém, quando a conversa chega aos detalhes concretos, as dificuldades se tornam perceptíveis. “Em relação aos indicadores e principalmente ao financiamento de curto prazo, não temos ainda consenso”, disse.

A preocupação mais grave é que o financiamento para adaptação pode diminuir em vez de aumentar no próximo ano. “Isso foi colocado com bastante clareza pela sociedade civil. Esse não é um cenário aceitável, portanto é muito crítico que haja uma sinalização de curto prazo”, afirma. A melhor proposta em discussão é o “Tripling by 2030”, que prevê triplicar os recursos até o fim da década, apresentada pelos países menos desenvolvidos.

Os números das Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs) revelam o tamanho do desafio. Até o momento, apenas 62 países de 195 apresentaram formalmente suas NDCs, o que representa 31% das emissões globais. Grandes poluidores, como União Europeia e Índia, ambos presentes na pré-COP, ainda não renovaram seus compromissos pactuados desde o Acordo de Paris, há dez anos, para garantir que a temperatu-

ra global não exceda 1,5°C até o fim do século. Corrêa do Lago já tinha lamentado antes, na sexta-feira, 10, o quadro de baixo comprometimento das nações. Marina Silva também se disse decepcionada com “parceiros historicamente aliados” e cobrou que os compromissos sejam enviados antes da COP30. O Brasil foi um dos primeiros a atualizar suas metas, há um ano, seguido pela China.

Potencial x limitações

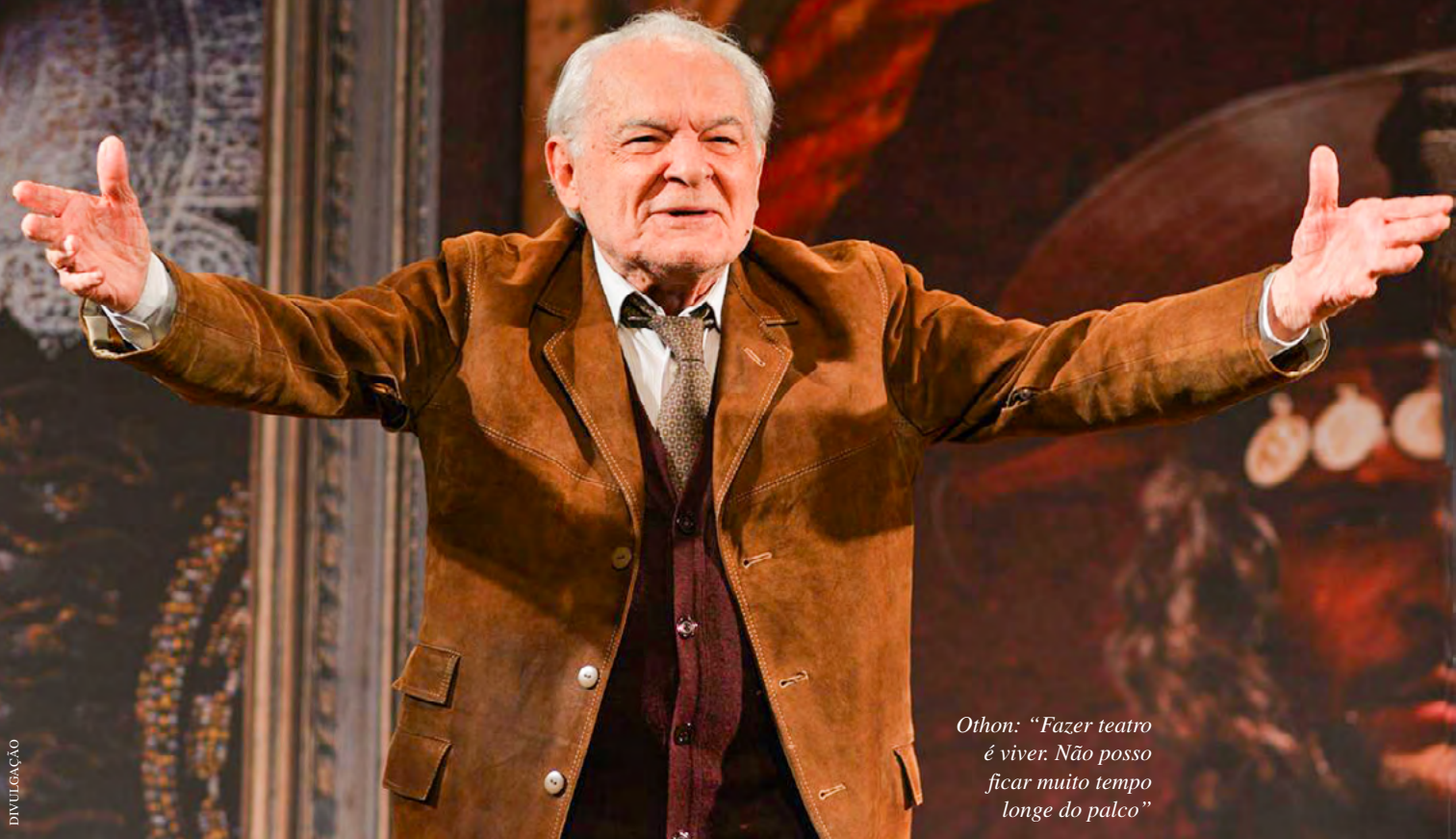
Para Ilana Seid, embaixadora de Palau na ONU e presidente da AOSIS (Aliança dos Pequenos Estados Insulares), a pré-COP revelou tanto o potencial quanto as limitações do momento atual. Ela elogiou a atuação brasileira, mas reconheceu que nem tudo transcorreu sem dificuldades. “Certamente tivemos reuniões muito produtivas e algumas difíceis também. Acho que todos reconhecemos que o clima geopolítico é difícil”, contou.

Para os pequenos Estados insulares, cada fração de grau na temperatura global representa uma questão existencial. A elevação do nível do mar ameaça, literalmente, apagar do

mapa países inteiros. Por isso, cada atraso na apresentação de NDCs não é apenas um inconveniente diplomático, mas tempo perdido na corrida pela sobrevivência.

Organizações da sociedade civil avaliaram que a pré-COP conseguiu ativar um ambiente favorável ao multilateralismo, mas criticaram a ausência de sinalizações mais contundentes sobre a proteção das florestas. Camila Jardim, do Greenpeace Brasil, questionou a lacuna entre o simbolismo e a prática. “Onde estão as florestas nas negociações da COP30? Afinal, um dos grandes diferenciais é que ela acontece na maior floresta do planeta”, salientou.

O desafio que espera o Brasil em Belém foi resumido por Natalie. “Foi possível compreender quão complexa será a tarefa e o quanto a presidência será exigida para fazer essa costura de um pacote amplo com muitos temas de grande complexidade”, avaliou. Agora, em uma contagem de dias que restam até o início da COP30, a presidência brasileira precisará executar uma virada ambiciosa, transformando décadas de negociações em implementação concreta. **E**



Othon: “Fazer teatro é viver. Não posso ficar muito tempo longe do palco”

Mestre do teatro

Aos 92 anos, Othon Bastos revisita trajetória e celebra colegas veteranos de palco e tela

Letícia Sena

Com 92 anos de vida e mais de sete décadas dedicadas às artes, do cinema ao teatro, passando pela TV, Othon Bastos é amplamente reconhecido como um dos maiores atores brasileiros de todos os tempos. Recentemente, ele se apresentou em São Paulo e no Rio de Janeiro com o monólogo, “Não me entrego, não”, em que revisita sua trajetória artística, celebrando os momentos mais marcantes de sua vida profissional e pessoal. A obra retorna à capital paulista nos dias 25 e 26, na Biblioteca Mário de Andrade, e depois em dezembro, no teatro Arthur Azevedo, na Mooca.

“Não me entrego, não” é o primeiro monólogo de Othon, que ocupa o palco por cerca de 100 minutos, em

uma apresentação repleta de intensidade e emoção. O espetáculo é dividido em blocos temáticos (trabalho, amor, teatro, cinema, política, amizade, desafios e conquistas), que permitem ao público conhecer não apenas o artista, mas também o homem por trás de personagens icônicos que interpretou ao longo dos anos. As reflexões de Othon incluem citações de autores clássicos da literatura e da dramaturgia mundial.

Nesta entrevista, o ator destaca a importância do amor e do comprometimento com o teatro. Ele menciona grandes estrelas dos palcos como Fernanda Montenegro, Laura Cardoso, Nathália Timberg e outros veteranos que simbolizam esse compromisso. E observa: “A nossa geração está acabando”.

Como tem sido voltar aos palcos com um monólogo?

Nunca tinha feito um monólogo na vida. Fui assistir a uma peça do [dramaturgo] Flávio Marinho, “Judy: o arco-íris é aqui” e fiquei encantado. Conversei com ele e sugeri: “Vamos fazer um trabalho juntos?”. Sempre gostei de contracenar; o bonito do teatro é se doar aos colegas e compartilhar a energia do palco.

De que forma surgiu a ideia de se lançar no desafio de um monólogo?

Flávio ficou surpreso. Somos amigos há mais de 50 anos. Ele sempre foi crítico de teatro e não poupava críticas, mas agora estreou como ator e me disse: “Vamos fazer”. Um dia, ele me

ligou, conversamos sobre o material, e levei comigo 700 páginas de leituras, frases e pensamentos de que gosto. Algumas dessas citações estão na peça.

Que direção você estabeleceu para esse texto?

Eu disse: “Não quero amargura. Não quero falar de mãe, pai, avô, bisavô. Quero falar da vida”. A frase que mais me marcou é da poetisa Emily Dickinson: “Eu nasço contente todas as manhãs”. É essa sensação de alegria e gratidão que quero transmitir.

Como começou sua trajetória no teatro?

Tudo começou no ginásio, com um concurso de recitação. Uma professora disse que eu não tinha jeito para arte e me proibiu de continuar. Mas persisti, mudei de colégio e inaugurei o teatrinho lá. Aprendi teatro com Paschoal Carlos Magno [fundador do Teatro do Estudante do Brasil, que consagrou nomes como Paulo Autran, Cacilda Becker, Sérgio Cardoso, Maria Della Costa, Tônia Carrero e Ziembski]. Estudei bastidores, técnicas de palco e interpretação antes mesmo de estreiar. Cada passo foi uma construção cuidadosa da minha identidade artística.

Qual é a sua percepção sobre a nova geração de atores?

Não importa a época, sempre haverá palco, público e emoção. Ver colegas realizando trabalhos incríveis me emociona profundamente. O teatro é, acima de tudo, a transmissão de sentimentos, histórias e memórias.

Como manter-se ativo nos palcos aos 92 anos?

Eu me preparo, caminho, estudo, repito textos. Para mim, fazer teatro é viver. Não posso ficar muito tempo longe do palco. O contato com o público é um combustível que mantém minha energia e paixão pela arte.

Qual é a sua opinião sobre a Lei Rouanet, que financia o seu monólogo?

Há muitas críticas, mas a lei ajuda artistas e mantém a cultura viva. No meu tempo, tudo era na base do esforço e prática. Agora há processos,

prestações de contas e burocracia, mas ainda é fundamental para manter a arte acessível.

Como analisa a presença de atores veteranos na televisão e no teatro atualmente?

A maior felicidade é ver colegas como Fernanda Montenegro, Laura Cardoso e Nathalia Timberg em atividade [Fernanda, que fará 96 anos no dia 16, apresentará o monólogo “Fernanda Montenegro lê Simone de Beauvoir” na reabertura do teatro Ginástico, no Rio, em dezembro; Laura, 98 anos, protagonizou o curta “Dona Rosinha”, exibido neste ano, e Natália, 96, esteve recentemente em cartaz, em São Paulo, com a peça “A mulher da van”]. É um dom que distribuem para o público. Elas não guardam para si. Nossa geração está acabando, mas ainda há quem ame o teatro de verdade. Isso é uma coisa divina, né? É um dom. A Fernanda está fazendo leituras para 20 mil pessoas, a Nathalia está trabalhando, a Laura também. Isso é raro. E é tão bonito! Eu vejo Rosamaria Murtinho [92 anos e no elenco da novela “Dona de Mim”], Mauro Mendonça [94 anos]. Essa gente, meu Deus, essa geração está acabando. Nathalia foi ver o nosso espetáculo e, depois, a gente sentou pa-

ra conversar - a gente se conhece há 45, 50 anos. Para nós, o tempo não existe, o que existe é amizade. Então, ela me fez uma pergunta: “Quem é que vai nos substituir? Nossa geração está acabando”. Aí, você tem de ver os novos, os que estão aparecendo, os que amam o teatro, que têm prazer pelo teatro. Para fazer teatro, você tem de amá-lo. Teatro não é exibição, entende? Você tem de se entregar. Quando você entra naquele palco, entra com amor. Esse amor você transmite para a plateia.

O que diz da geração de atores como Fernanda Torres e Wagner Moura, que têm levado o Brasil para o mundo?

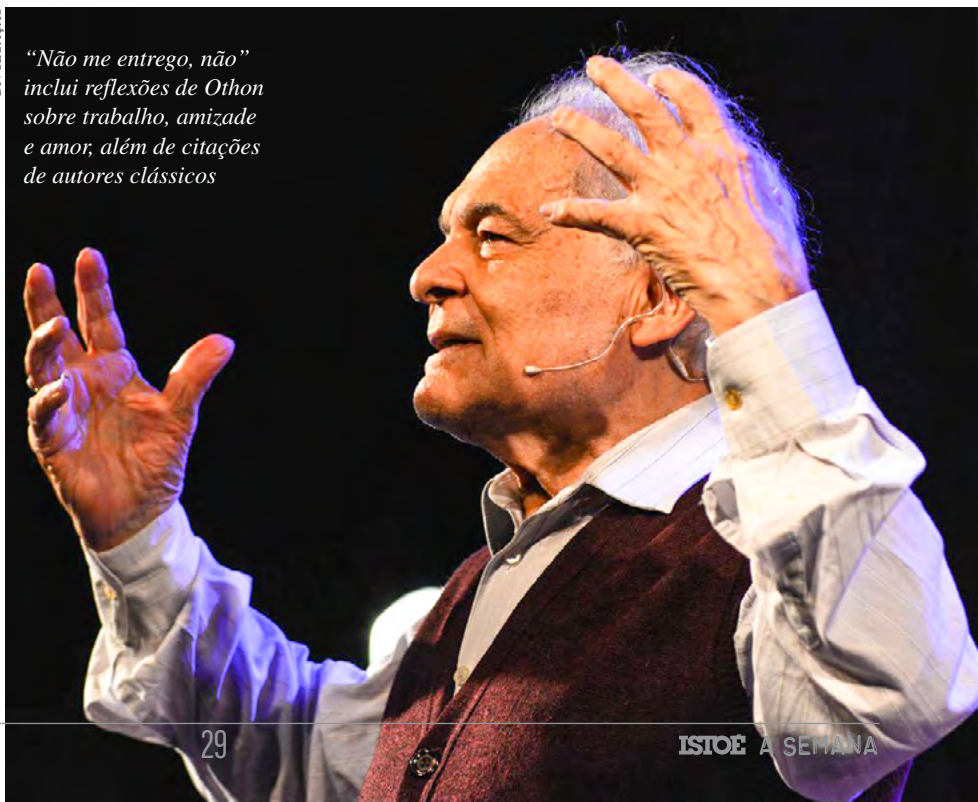
São talentos extraordinários, que representam a continuidade da paixão pelo teatro e cinema. Eles carregam a tradição brasileira e renovam a arte com entusiasmo e criatividade.

Que mensagem deixa para o público que te admira?

Teatro é amor, arte e consolo. Quem assiste, participa de um ato de amor. Mesmo aos 92 anos, minha vontade de fazer teatro permanece intensa, e espero que minha dedicação inspire outros a valorizar e amar essa arte tão sublime. **E**

DIVULGAÇÃO

“Não me entrego, não” inclui reflexões de Othon sobre trabalho, amizade e amor, além de citações de autores clássicos





*Maria Corina,
que vive hoje na
clandestinidade:
“exemplo de
coragem cívica”*

Nobel da Paz – e da oposição

A venezuelana Maria Corina Machado, adversária ferrenha de Nicolás Maduro, conquistou o prêmio cobiçado por Donald Trump – mas ela o dedicou ao presidente norte-americano

O Nobel da Paz, concedido pelo Comitê Norueguês do Nobel, nunca foi um prêmio isento de polêmicas. No texto que define a honraria, criado por Alfred Nobel, inventor da dinamite, a distinção deve ser dada a quem “tiver feito o maior ou o melhor trabalho pela fraternidade entre as nações, pela abolição ou redução dos exércitos permanentes e pela promoção de congressos de paz”. Mas essa palavra, paz, pode ser interpretada de diferentes maneiras nos tempos atuais.

Para os responsáveis pela escolha de 2025, a política venezuelana Maria Corina Machado, e opositora incansá-

vel do regime de Nicolás Maduro, representa essa definição. O comunicado divulgado na sexta-feira, 10, afirma que o prêmio reconhece “o trabalho incansável na promoção dos direitos democráticos para o povo da Venezuela e por sua luta para alcançar uma transição justa e pacífica da ditadura para a democracia”. Ela é descrita como “um dos exemplos mais extraordinários de coragem cívica na América Latina nos últimos tempos”.

Vivendo na clandestinidade desde as eleições turbulentas de 2024, que a oposição alega ter vencido, Maria Corina recebeu a notícia com surpresa,

como se vê em vídeo divulgado nas redes sociais. Segundo o comitê, “o regime autoritário da Venezuela torna o trabalho político extremamente difícil. Como fundadora da Súmate, uma organização dedicada ao desenvolvimento democrático, a senhora Machado defende eleições livres e justas há mais de 20 anos”. A Súmate é uma organização civil de monitoramento eleitoral. O texto indica ainda que a oposição publicou contagens de votos que apontaram vitória com margem clara, “mas o regime se recusou a aceitar o resultado da eleição e se agarrou ao poder”. Em julho de 2024, o Tribunal Superior da



Confira os outros laureados com Nobel neste ano

Medicina – **Mary Brunkow e Fred Ramsdell** (Estados Unidos) e **Shimon Sakaguchi** (Japão), por revelarem como o sistema imunológico evita atacar o próprio corpo. As descobertas dos pesquisadores sobre células T reguladoras abriram caminho para novos tratamentos de doenças autoimunes, como artrite reumatoide e esclerose múltipla.

Física – **John Clarke** (Reino Unido), **Michel Devoret** (França) e **John M. Martinis** (Estados Unidos), por demonstrarem o tunelamento quântico (fenômeno em que uma partícula subatômica consegue atravessar uma barreira de energia) em escala macroscópica, avanço que sustenta o desenvolvimento dos computadores quânticos.

Química – **Omar Yaghi** (Estados Unidos), **Richard Robson** (Austrália) e **Susumu Kitagawa** (Japão), por criarem estruturas metal-orgânicas (MOFs), materiais porosos capazes de capturar dióxido de carbono e armazenar gases como hidrogênio, essenciais para tecnologias limpas.

Economia – **Joel Mokyr** (Estados Unidos), **Philippe Aghion** (França) e **Peter Howitt** (Canadá), por estudos sobre o crescimento econômico impulsionado pela inovação. Eles explicam como novas tecnologias transformam a produtividade global e indicam que políticas de inovação e concorrência, com incentivos e regulação, sustentam o progresso dos países.



*László Krasznahorkai:
em estilo único, suas
obras descrevem
o caos humano
com lirismo*

FUNDACION FORMENTOR BEGONA RIVAS/REUTERS

Venezuela declarou Maduro vencedor, decisão contestada pelo candidato da oposição, Edmundo González, e por Maria Corina.

A União Europeia não reconhece Nicolás Maduro como presidente legitimamente eleito, alegando que o pleito “carece de legitimidade democrática”. O Brasil, embora mantenha diálogo com Caracas, também não reconheceu oficialmente o resultado, pela ausência de atas eleitorais que comprovem a votação, como afirmou o ministro das Relações Exteriores Mauro Vieira, em entrevista para a CNN em espanhol, em setembro.

A escolha da líder da oposição como símbolo pacifista divide opiniões. Representante da direita liberal e crítica ferrenha do chavismo, Maria Corina apoia a intervenção dos Estados Unidos no país, o que alimenta controvérsias. Ela e seus apoiadores entendem que a pressão externa é uma ferramenta essencial para combater o regime de Maduro.

Com Donald Trump, esse alinhamento se intensificou. Maria Corina dedicou a ele o Nobel da Paz que recebeu – um título que o presidente norte-americano cobiçava. Neste ano, o governo Trump destruiu um barco venezuelano nas águas do Caribe alegando que miravam narcotraficantes. Navios de guerra, drones e aviões foram deslocados para a região, aumentando a tensão com Maduro.

Nesta segunda-feira, 13, Maria Corina voltou a falar do presidente dos Es-

tados Unidos em entrevista para a AFP. De acordo com ela, “existe um consenso geral entre os venezuelanos em reconhecer o presidente Trump, o que consideramos justo e necessário”. Ela disse que tem garantias – ou documentos que só apresentará oportunamente – para a deposição de seu inimigo político. Afirmou ter documentos que comprovariam a possibilidade de deposição de Maduro: “Ele tem neste momento a possibilidade de avançar em uma transição pacífica. Com negociação, sem negociação, vai deixar o poder”.

O caos da existência humana no Nobel de Literatura

Já o Nobel de Literatura não gerou polêmicas. Ele foi concedido ao húngaro László Krasznahorkai, de 71 anos, “por sua obra marcante e visionária que, em meio ao terror apocalíptico, reafirma o poder da arte”. Considerado um dos escritores mais originais da Europa Central, Krasznahorkai é celebrado por criar universos sombrios e poéticos, em que o caos e a desilusão coexistem.

Seu estilo na escrita é inconfundível: frases longas, quase sem pausa, que descrevem o absurdo humano com lirismo e ironia. Autor de “A Melancolia da Resistência”, “Guerra e Guerra” e “Sátántangó”, ele já havia vencido o Booker International Prize por sua prosa “de tom solene e excêntrico, curiosa e desolada”. No Brasil, sua única obra traduzida é “Sátántangó”, que virou um filme dirigido pelo húngaro Béla Tarr com mais de sete horas de duração. **E**

Óculos inteligentes à escolha

Oakley lança no Brasil smart glasses esportivos desenvolvidos com a Meta; a big tech expande sua atuação no segmento no país, que já conta com modelo da Ray-Ban com IA integrada

A Meta está ampliando sua oferta de óculos inteligentes integrados com IA para o consumidor brasileiro. No sábado, chegou ao mercado o modelo Oakley Meta HSTN, parceria feita com a marca esportiva. As vendas começaram no sábado, 11, em lojas da Oakley no país e com o preço de R\$ 3.459. O lançamento representa a entrada da Meta no segmento de smart glasses para esportes. O surfista Gabriel Medina é um dos embaixadores da nova linha de produtos.

Voltado a quem tem uma rotina ao ar livre – não apenas esportistas –, o Oakley Meta HSTN combina o design aerodinâmico característico da marca de óculos com tecnologia de ponta.

Equipado com a assistente Meta AI, o modelo permite gravar vídeos em alta resolução, consultar informações de desempenho, como velocidade do vento, e traduzir textos e placas em tempo real. A bateria oferece até oito horas de uso contínuo. Com o estojo de recarga integrado, o tempo total de autonomia chega a 48 horas. O produto chega em versões com lentes Prizm, conhecidas por realçar contraste e nitidez em ambientes externos.

Com essa parceria e a aproximação do público praticante de esportes e também dos que buscam alta performance, a Meta estende o alcance de sua tecnologia para além da moda e do lifestyle. Nesse quesito, sua grande aposta é o

Ray-Ban Meta (Gen 2), smart glasses disponíveis no país desde setembro.

Os modelos da Ray-Ban, desenvolvidos pela EssilorLuxottica (dona das duas empresas), mantêm o estilo icônico da marca e integram funções de assistente virtual e captura de imagem. Com câmeras de 3K Ultra HD, microfones direcionais e conectividade com WhatsApp, Messenger e Instagram, os óculos permitem atender chamadas, ouvir música, tirar fotos, postar nas redes e até traduzir conversas entre seis idiomas sem o uso do celular. O modelo custa a partir de R\$ 3.299 e está disponível nas armações Wayfarer, Headliner e Skyler, com lentes solares, transparentes ou de prescrição.

A principal diferença entre os dois óculos inteligentes está na proposta de uso. Enquanto o Ray-Ban Meta aposta na estética urbana, o Oakley Meta HSTN prioriza resistência, ergonomia e foco funcional. Ambos utilizam a mesma base de IA, com comandos de voz para pesquisa, tradução e registro de imagens, mas o acabamento e o formato da Oakley favorecem mobilidade e imersão, inclusive em condições climáticas adversas – o modelo possui resistência à poeira e respingos d'água.

E a linha esportiva da Meta não deve parar por aqui. A marca prepara o lançamento do Oakley Meta Vanguard, que já foi homologado pela Anatel.

Nesse produto, a câmera ultrawide ocupa lugar central (não fica na lateral como os outros dois produtos da Meta). O modelo tem integração com as aplicações de Strava e Garmin, comprovando sua vocação esportiva. Voltado a ciclistas e atletas de alta performance, o Vanguard expande o conceito de wearable da Meta. **E**

Voltado para o lifestyle, o Ray-Ban Meta (Gen 2) traduz conversas em seis idiomas sem o uso do celular

Esportivo, o Oakley Meta HSTN permite consultar informações de desempenho, como velocidade do vento

Bebida

Sabor Líquido

Primeiro sommelier de água do Brasil mostra como existem combinações únicas em cada garrafa, que se harmonizam com vinhos diversos

Beatriz Mizuno



Rodrigo Rezende ensina que a mineralidade da água é o que mais importa

Ser sommelier de água pode soar como uma excentricidade. Afinal, a profissão costuma remeter a especialistas em vinhos ou cervejas, capazes de detectar aromas e harmonizar sabores. Mas a função de analisar e indicar combinações não se limita a bebidas alcoólicas. Aos poucos, o universo da água vem ganhando espaço, e o Brasil tem um pioneiro na área. Rodrigo Rezende, mineiro de Itaúna e publicitário de formação, é o primeiro sommelier de água certificado internacionalmente.

Ele atuava no marketing da empresa Água Mineral Viva, em sua cidade natal, e já era certificado em vinhos

quando descobriu, em 2018, a Fine Waters, empresa do pesquisador austríaco Michael Mascha e do alemão Martin Riese, referência mundial na área. Ele participou da Fine Water Academy e recebeu a certificação de sommelier de águas.

Hoje, Rezende atua como publicitário, palestrante e consultor. É presença frequente em cursos de formação de sommeliers de vinhos e cervejas, onde ensina a importância da escolha da água em harmonizações.

O especialista desfaz dois mitos comuns. O primeiro é o da busca por águas com “zero sódio”. “É como pro-

curar uma banana com zero de potássio. O sódio da água é natural”, explica. O segundo é o da obsessão pelo pH. Para ele, a ideia de que garrafas ou filtros capazes de “alcalinizar” a água trazem benefícios extras à saúde não passa de charlatanismo. “A água da torneira já é alcalina”.

Para sommeliers, o que realmente importa é a mineralidade, medida pelo TDS (total de sólidos dissolvidos). Essa informação, o “resíduo de evaporação”, está presente nos rótulos das garrafas. Ela indica o peso dos minerais que permanecem na água depois que ela é evaporada em laboratório. Evapora-se uma amostra sob uma temperatura controlada, até que se elimine toda a parte líquida. O que sobra (sais minerais, cálcio, magnésio, sódio, potássio) é pesado. O resultado mostra quanta mineralização a água tem. É essa medida que diferencia águas muito leves (baixo resíduo, menos de 50 mg/L) de águas muito minerais (acima de 1.500 mg/L).

Por ser proveniente de uma região geológica particular, cada água mineral apresenta um diferente teor de mineralidade. Esse é o principal critério de avaliação de competições internacionais de água.

Ao analisar o TDS, o sommelier sabe com qual tipo de vinho harmonizar cada rótulo. “Águas com mineralidade mais baixa harmonizam com espumantes, vinhos brancos, comidas mais leves, saladas e sopas. Aí você vem aumentando a intensidade. É igualzinho ao vinho”, diz.

E existe uma água “coringa”. Rezende é categórico: “Muita gente me pergunta isso e eu devolvo: existe algum vinho coringa? Não. Então, não existe água coringa”. A multiplicidade, portanto, é a essência desse universo. “Se em um jantar de sete tempos de um chef estrelado há sete vinhos diferentes, por que não sete águas diferentes?”, provoca. Para aprender a identificar cada perfil, não há segredo além do estudo e da prática. E é exatamente isso que o mineiro busca ao formar outros profissionais: educar sommeliers e consumidores para que percebam que, mesmo em algo que parece tão comum, existem nuances, histórias e possibilidades. **E**

São Paulo, capital do cinema mundial

A 49ª Mostra Internacional inicia sua jornada com a exibição de 374 filmes de 80 países. Obras premiadas em Cannes estão na programação, entre elas o iraniano “Foi Apenas Um Acidente” e o brasileiro “O Agente Secreto”

Marília Barbosa

Uma verdade maratona cinematográfica deu largada nesta semana na capital paulista. Depois do 27º Festival do Rio, que encerrou sua jornada no domingo, 11, agora é a vez da 49ª Mostra Internacional de Cinema em São Paulo, evento corrido que recebe 374 filmes de 80 países. O calendário, que começou na quinta-feira, 16, se estende até o dia 30, convertendo a cidade em um epicentro da produção audiovisual global. A Mostra se espalha por 52 salas de cinema e espaços culturais como o Museu da Língua Portuguesa – que terá sessões gratuitas –, no centro.

A abertura oficial, na noite da quarta-feira, 15, teve a exibição do espanhol “Sirât”, do diretor Oliver Laxe, laureado com o Prêmio do Júri no Festival de Cannes deste ano – que dividiu com o alemão “O Som Da Queda”, de Mascha Schilinski, que também está na programação. Antes do longa, foi apresentado o curta “Como Fotografar Um Fantasma”, do roteirista e diretor norte-americano Charlie Kaufman, um dos homenageados com o Prêmio Leon Cakoff desta edição da Mostra.

O prestígio de Cannes, aliás, ecoa por toda a grade de filmes. Um dos destaques mais aguardados é “Foi Apenas Um Acidente”, do cineasta iraniano Jafar Panahi, que conquistou a Palma de Ouro. Panahi estará em São Paulo para receber pessoalmente o Prêmio Humanidade – que também será atribuído à cineasta martinicana Euzhan Palcy, que terá seu filme “Assassinato Sob Custódia” exibido no sábado 18.

“Foi Apenas Um Acidente” conquistou a Palma de Ouro; o diretor Jafar Panahi receberá o Prêmio Humanidade na Mostra





“Sirât” foi laureado com o Prêmio do Júri no Festival de Cannes

Como seria de se esperar, o cinema nacional brilha com força na programação. Entre as obras, uma das mais aguardadas é “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho, estrelado por Wagner Moura e aposta do Brasil para a disputa pelo Oscar de Melhor Filme Internacional em 2026. O filme será sessões especiais nos dias 24, 25, 28 e 29. A estreia no circuito comercial será no dia 6 de novembro. Por sinal, a produção brasileira venceu, em Cannes, os prêmios de Melhor Diretor, Melhor Ator, o Fipresci (crítica internacional) e Prix des Cinémas d’Art et Essai.

A Mostra celebra ainda o quadrinista Mauricio de Sousa, que será homenageado com o Prêmio Leon Cakoff. O reconhecimento ganha um contorno ainda mais especial, pois ele completará 90 anos no dia 27, com o evento em andamento. Haverá uma sessão especial da cinebiografia “Mauricio de Sousa – O Filme” no dia 21, dentro da 2ª Mostriinha, dedicada a obras destinadas a crianças e adolescentes. O longa estreará nos cinemas brasileiros no dia 23.

Também destacam-se produções como “Urchin, No Other Choice”, “Dra-

cula”, “A Incrível Eleanor”, “Era Uma Vez Em Gaza”, “De Lugar Nenhum”, “Left-Handed Girl”, “O Diário de Pilar na Amazônia”, “The president’s cake” e “Pai Mãe Irmã Irmão”. O encerramento da maratona cinematográfica ficará por conta de “Jay Kelly”, filme de Noah Baumbach.

O júri da Mostra neste ano é composto por Atilla Salih Yücer (produtor, África do Sul), Daniel Dreifuss (produtor, Brasil), Denise Fernandes (diretora, Portugal), Laura Mora (realizadora, Colômbia) e Peter Debruge (crítico da revista “Variety”, Estados Unidos).

Este ano, a identidade visual do evento foi confiada ao escritor português Valters Hugo Mãe, que é também artista plástico. Ele criou um pôster de linhas sinuosas e bolas de luz. Hugo Mãe também marca presença no evento pela estreia mundial do filme “O Filho de Mil Homens”, de Daniel Rezende. Estrelado por Rodrigo Santoro, o longa é baseado na obra do autor.

Outras obras podem ser conferidas no site da 49.ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, o mostra.org.

Vencedores do Festival do Rio

O filme “Pequenas Criaturas”, de Anne Pinheiro Guimarães, com Carolina Dieckmann, foi o vencedor na competição Première Brasil, da 27ª edição do Festival do Rio, encerrado no domingo, 12. A produção levou o título na categoria ficção. Na disputa de melhor documentário, o prêmio foi para “Apolo”, de Tainá Müller e Ísis Broken. Neste ano, o evento conferiu o Prêmio Especial do Júri da mostra Novos Rumos para Leandra Leal e sua mãe, Ângela Leal. Outro destaque desta edição foi a volta do voto popular. Confira alguns resultados.

Première Brasil (principal competição)

- **Melhor Longa - Ficção:** **“Pequenas Criaturas”**, de Anne Pinheiro Guimarães
- **Melhor Longa - Documentário:** **“Apolo”**, de Tainá Müller e Ísis Broken
- **Melhor Direção de Ficção:** **Rogério Nunes**, por “Coração Das Trevas”
- **Melhor Direção de Documentário:** **Mini Kerti**, por “Dona Onete”
- **Melhor Ator:** **Gabriel Faryas**, por “Ato Noturno”
- **Melhor Atriz:** **Klara Castanho**, por “Salve Rosa”
- **Prêmio Especial do Júri:** **“Cheiro de Diesel”**, de Natasha Neri e Gizele Martins

Première Brasil - Novos Rumos

(novos diretores e obras experimentais)

- **Melhor Longa:** **“Uma em Mil”**, de Jonas Rubert e Tiago Rubert
- **Prêmio Especial do Júri:** **Ângela Leal** e **Leandra Leal**, por “Nada a Fazer”

Felix (diversidade e gênero)

- **Melhor Filme Brasileiro:** **“Ator Noturno”**, de Marcio Reolon e Filipe Matzembacher

Voto Popular

- **Melhor Longa - Ficção:** **“#SalveRosa”**, de Suzanna Lira
- **Melhor Longa - Documentário:** **“Cheiro de diesel”**, de Natasha Neri e Gizele Martins
- **Melhor Longa - Novos Rumos:** **“Herança de Narcisa”**, de Clarissa Appelt e Daniel Dias.



DIVULGAÇÃO

Pesquisa mostrou que apenas 4% das pessoas desejava que a Odete de Debora Bloch morresse na trama

O reinado de Odete Roitman

Remake da novela mobilizou gerações e consolidou-se como um dos maiores sucessos recentes da Globo

Letícia Sena

Após seis meses e meio de exibição e uma intensa mobilização do público nas redes, o remake de “Vale Tudo” consolidou-se como um fenômeno na história da teledramaturgia da Globo. Mais do que revisitar um clássico, a nova versão da novela – criada por Gilberto Braga, Aguinaldo Silva e Leonor Bassères – trouxe de volta à pauta uma pergunta que atravessa gerações: vale tudo para vencer na vida?

A adaptação escrita por Manuela Dias, mesma autora de “Amor de Mãe”, não apenas atualizou os dilemas éticos e morais que marcaram o original, como também transformou o remake em um espelho do Brasil atual, demonstrando que o debate sobre honestidade, poder e ambição segue tão vivo quanto em 1988, quando o folhetim original foi exibido.

Nesta semana, a derradeira, a novela atraiu a atenção, em média, de 26 milhões de pessoas por minuto. A

promessa para o capítulo final, exibido na sexta-feira, 17, é render números extraordinários, tudo para descobrir se a personagem Odete Roitman (Débora Bloch) foi assassinada – e por quem. Entre as novelas, a nova “Vale Tudo” é o maior sucesso desde 2021, com “Um Lugar ao Sol”, avalia Paulo Ilha, sócio-fundador e Chief Media Officer da agência de publicidade Galeria.

Os resultados do remake são expressivos. “Ela teve uma média de 23,81% de audiência domiciliar, versus 21,4% da novela anterior”, comentou Ilha, referindo-se a “Mania de Você”. Desde o início da trama, mais de 146 milhões de brasileiros foram impactados. E o sucesso não se limitou ao público. “Além desses números, a novela gerou muitas conversas e mobilizou pessoas e marcas”, completa.

O fato é que a novela também conquistou agências e empresas anuncian-

tes que construíram ações, com apoio da emissora, que se integraram bem às narrativas. A Vivo emplacou ações de merchandising com as personagens Raquel (Taís Araújo), Heleninha (Paolla Oliveira), Maria de Fátima (Bella Campos) e, sim, Odete Roitman. E até o surfista Gabriel Medina entrou na trama com parte da estratégia da Vivo na novela. “Creio ter sido um dos maiores sucessos comerciais da Globo. A prova disso está na alta demanda por ações e anunciantes”, afirma Ilha.

O faturamento com as marcas chegou a aproximadamente R\$ 200 milhões, fazendo com que “Vale Tudo” se tornasse a novela mais rentável da faixa das 21h. E em setembro ela já tinha registrado 87 ativações de conteúdo com 23 marcas, um feito raro atualmente na TV. O remake superou outro sucesso da faixa nobre, “Pantanal” (2022), que somou 82 ações de merchandising.

Para Catarina Flório, diretora de estratégia de mídia da WPP Media Services, unidade de soluções de mídia do Grupo WPP, uma das principais holdings de comunicação do mundo, parte do sucesso de “Vale Tudo” se deve a um trabalho de comunicação cuidadosamente planejado pela Globo. “A estratégia envolveu desde a criação de um ecossistema de conteúdos, como o perfil da Maria de Fátima nas redes, até ativações que mantiveram a novela em pauta antes mesmo da estreia”, diz. E as ações de merchandising também se destacaram, confirmou Catarina. Entre elas está a campanha de O Boticário que contou com Débora Bloch e Odete Roitman em contextos diferentes.

De fato, o remake chamou atenção bem antes do primeiro capítulo. “Vivemos um momento de forte nostalgia, e revisitar a ‘novela das novelas’ criou um encontro entre gerações, entre quem viveu o original e quem só conhecia o mito”, explica.

O resgate do clássico, aliado ao prestígio da autora, fez da estreia um evento cultural, o que foi reforçado pela mídia social. “O universo digital já dominava o ‘quem matou Odete Roitman?’, e o poder viral desse imaginário coletivo reacendeu o interesse de forma

orgânica, mas também coordenada pela massiva produção de conteúdo sobre o título”, completa Catarina.

Em um cenário de consumo fragmentado, as redes são determinantes para impulsionar o engajamento. “Quantas vezes a gente decide assistir algo só porque está em discussão online?”, questiona. Catarina observa que plataformas como Instagram e TikTok se tornaram centrais na construção da conversa pública em torno da novela. “Com ‘Vale Tudo’, os edits, as falas icônicas, as críticas e as teorias criaram um ciclo constante de curiosidade. Esse movimento ultrapassou a TV tradicional, impulsionando acessos históricos no Globoplay e expandindo o público, que agora acompanha a novela no seu próprio tempo e formato.”

Como na versão original, o remake trouxe discussões sobre ética, corrupção e relações familiares, agora sob uma perspectiva mais contemporânea. “Manuela Dias tem a habilidade de incorporar temas latentes e traduzir o espírito do tempo nos roteiros. A cobertura midiática reforça esse movimento, trazendo debates que estimulam novas leituras. Essa troca entre trama e mídia torna o remake especial, pois reabre conversas que antes eram ignoradas.”

Odete passou, inclusive, a ter mais simpatia do público em comparação à recepção das pessoas quanto à primeira Odete, vivida por Beatriz Segall. Uma pesquisa do Datafolha de setembro mostra que apenas 4% dos entrevistados desejavam que a vilã fosse morta, contra 38% do público de 1988 que queria ver a personagem tivesse esse destino.

Catarina também comenta o impacto da mídia na construção e na percepção dos personagens, especialmente os mais emblemáticos. “A mídia não apenas apresenta os personagens, mas orienta o olhar do público sobre eles. No caso de figuras icônicas como Odete Roitman e Raquel, o discurso midiático teve papel decisivo ao alimentar o debate sobre quem seria digna de ocupar esses papéis e o que mudaria em relação ao original. Essa construção guiada manteve viva a conversa entre passado e presente”, afirma.

Entre os episódios marcantes do remake, Catarina cita a cena em que a personagem Lucimar (Ingrid Gaigher) denuncia o ex-companheiro, Vasco (Thiago Martins), pela falta de pagamento da pensão do filho. “Ela trouxe à tona um tema pouco debatido, reivindicando o que é justo. A forma como mídia e público reagiram mostrou como esses assuntos ainda despertam desconforto social. A partir dali, acredito que a novela ganhou nova força, virou espelho e catalisador de conversas fora da ficção”, explica.

Ao refletir sobre o legado do remake, Catarina destaca que a mídia foi responsável por manter “Vale Tudo” em constante atualização. Segundo ela, mais do que um resgate nostálgico, a versão foi uma reinvenção cultural.

“O maior impacto da mídia foi transformar ‘Vale Tudo’ em uma obra viva, não apenas uma releitura. Cada capítulo virou um evento social que reafirma o poder da comunicação em espelhar e inspirar o Brasil de hoje. Assim, ‘Vale Tudo’ deixa de ser lembrança e volta a ser espelho; é um reflexo vivo do país e de suas contradições”, avalia. E, como no final original, a dúvida persiste no ar: não apenas sobre quem matou Odete Roitman, mas sobre o que, afinal, continua valendo no Brasil de hoje. **E**

Colaborou Lena Castellón

Em média, 26 milhões de pessoas por minuto viram a novela em sua última semana, quando pairava a pergunta sobre o assassino da vilã



DIVULGAÇÃO

Filmes e séries

Bandidos, política e Scorsese

As estreias da semana trazem Kirsten Dunst, Channing Tatum e Peter Dinklage em "O bom bandido", a volta de "A diplomata" e Martin Scorsese.

FOTOS DIVULGAÇÃO

Em cartaz no cinema

"O Bom Bandido"

Jeffrey Manchester (Channing Tatum) é um ladrão que foge da prisão e se esconde em uma loja de brinquedos. Lá, inicia um relacionamento com Leigh (Kirsten Dunst), enquanto tenta manter seu passado sob controle. O elenco traz ainda Peter Dinklage.

"O Último Rodeio"

Um montador aposentado retorna à arena para salvar o neto com um tratamento caro, enfrentando o peso da idade e antigos traumas.

"O Sítio"

Coprodução entre Argentina, Chile, Brasil e Espanha, o filme acompanha um casal que se muda para o campo em busca de paz e passa a ser atormentado por acontecimentos inexplicáveis que testam seus limites emocionais.

"Conselhos De Um Serial Killer Aposentado"

Um assassino em série (Bruce Dern) decide ensinar suas antigas técnicas, atraindo a atenção de uma jornalista (Tatiana Maslany) e de seu enigmático editor (Steve Buscemi), em uma trama que mistura suspense e humor sombrio.

Destaques do streaming

"A Diplomata - temporada 3"

A série traz de volta a embaixadora Kate Wyler (Keri Russell). Ela aposta alto ao acusar a vice-presidente Grace Penn (Allison Janney) de conspirar contra ela.

Netflix

"A Vizinha Perfeita"

Documentário que apresenta imagens de câmeras corporais de policiais. A produção mostra como uma comunidade lida com o assédio constante de uma moradora, até que o hostil se torna crime fatal.

Netflix

"Clube Spelunca"

Série de comédia que traz o personagem Digão (Eddy Jr.), que luta para transformar o clube da família em um ponto de encontro moderno na zona leste de São Paulo, enfrentando dívidas, desgostos e resistência familiar.

HBO Max

"O Lendário Martin Scorsese"

Minissérie documental em cinco episódios sobre o cineasta Martin Scorsese. Tem entrevistas com o diretor e astros como Robert De Niro e Leonardo DiCaprio.

Apple TV

A despedida da eterna Annie Hall

Famosa por “O poderoso chefão” e por obras que estrelou para Woody Allen, Diane Keaton, ganhadora de um Oscar, deixa uma marca de elegância, estilo e humor na história do cinema

Uma das atrizes mais admiradas pela comunidade de astros de Hollywood, Diane Keaton morreu no sábado, 11, aos 79 anos. Estrelas de primeira grandeza como Viola Davis e Jane Fonda imediatamente reverenciaram na mídia o brilho da eterna “Annie Hall”, personagem criado para ela pelo cineasta Woody Allen na obra de mesmo nome. As palavras dão a dimensão do reconhecimento e prestígio de Diane entre seus pares.

“Você definiu a feminilidade. O pathos, o humor, a leveza, sua juventude e vulnerabilidade sempre presentes: você tatuou sua alma em cada papel, tornando impossível imaginar qualquer outra pessoa habitando-os”, escreveu Viola. Para Jane, Diane era um “um ponto de vida e luz, rindo constantemente de suas próprias fraquezas, sendo ilimitadamente criativa em sua atuação, em seu guarda-roupa, em seus livros, em seus amigos, em suas casas, em sua biblioteca, em sua visão de mundo”.

A causa da morte não foi informada. Mas nos bastidores falava-se que ela vinha apresentando um quadro debilitante nas últimas semanas, com emagrecimento rápido e visível. Embora discreta em sua vida pessoal, era difícil não notar Diane. Era presença constante nas ruas de Los Angeles, sua cidade natal, em geral desfilando um figurino que se tornou parte de sua assinatura: chapéu, óculos escuros e roupas elegantes de estilo masculino.

Nascida em 1946, Diane Hall (sim, esse é seu sobrenome) começou no



Diane Keaton, ganhadora do Oscar de Melhor Atriz por “Noivo neurótico, noiva nervosa”, também era reconhecida pelo seu estilo, que desafiava padrões

teatro e estreou no cinema no início dos anos 1970. Em 1972, conquistou o público ao interpretar Kay Adams em “O poderoso chefão”, de Francis Ford Coppola, papel que repetiu nas duas continuações. No mesmo período, iniciou a parceria com Woody Allen. Com ele, fez “Sonhos de um sedutor” (1972), “O dorminhoco” (1973) e “Interiores” (1978), entre outros. O grande marco da dupla veio em 1977 com “Noivo neurótico, noiva nervosa”, título em português para o clássico “Annie Hall”, comédia que mudou os rumos do gênero.

Com esse filme, Diane Keaton conquistou o Oscar de Melhor Atriz (vale dizer que ela adotou o sobrenome de solteira da mãe, pois no sindicato dos atores já constava o registro de uma

Diane Hall). A personagem foi inspirada na própria Diane. O longa venceu também o Oscar de Melhor Filme.

Diane foi indicada ao Oscar de atriz mais três vezes: por “Reds” (1981), de Warren Beatty; “Lado a Lado com o Amor” (1996), em que contracenou com Meryl Streep e Leonardo DiCaprio; e “Alguém tem que ceder” (2003), com Jack Nicholson e Keanu Reeves. Ela alternou papéis cômicos e dramáticos. Brilhou em sucessos populares como “O pai da noiva” e “De repente 70”, e dirigiu filmes como “O céu” (1987) e “Lado a lado com o pai” (2000), com Meg Ryan e Lisa Kudrow.

Nas filmagens de “O poderoso chefão”, ela iniciou um relacionamento com Al Pacino, uma história que durou 15 anos, mas que não virou matrimônio. Diane, que também foi namorada de Allen, nunca se casou. Ela adotou dois filhos, Dexter e Duke, que a acompanharam até o fim.

Em 2017, a atriz recebeu o Life Achievement Award, do American Film Institute (AFI). O prêmio foi entregue por Allen, que a descreveu como “uma mulher que é boa em tudo o que faz”. No domingo, 12, Allen publicou um texto sobre ela no site The Free Press. “É gramaticalmente incorreto dizer ‘a mais única’, mas todas as regras se suspendem quando falamos de Diane Keaton”, escreveu. “Alguns dias atrás, o mundo era um lugar que incluía Diane Keaton. Agora é um mundo que não inclui. Por isso, é um mundo mais sombrio. Ainda assim, ficam os filmes. E a sua grande risada ainda ecoa na minha cabeça”. **E**

REPRODUÇÃO INSTAGRAM

STF, arroz polêmico e Caramelo

Os seguidores da IstoÉ reagiram à falta de mulheres no STF, debateram se arroz requentado faz mal e celebraram a chegada do filme com o cachorro-ícone do Brasil

Trump apoia Milei, mas só na vitória

O apoio dos Estados Unidos à Argentina depende do sucesso do partido do presidente Javier Milei nas eleições legislativas de meio de mandato deste mês, disse o presidente Donald Trump nesta semana. “Não perderemos nosso tempo”, afirmou, caso a legenda saia derrotada. Os comentários ocorreram quando Trump e Milei se reuniram na Casa Branca, poucos dias depois de os EUA concordarem em fornecer uma polpuda ajuda financeira aos argentinos.



183 mil 2,5 mil

Luta por mais mulheres no STF

Desde o anúncio da aposentadoria do ministro Luís Roberto Barroso do Supremo Tribunal Federal (STF), oficializada no dia 9, a cobrança para que a vaga seja ocupada por uma mulher surgiu em manifestações públicas. O próprio Barroso acenou para a possibilidade quando foi questionado sobre o perfil de seu sucessor. Ele evitou citar nomes, mas enfatizou que há “muitas mulheres e muitos homens” aptos para o cargo, alegando ser um defensor da presença feminina nos tribunais. O STF só teve três mulheres na Corte ao longo de sua história de 134 anos. A escassa participação das mulheres na Justiça do Brasil acontece em todas as instâncias e é uma extensão da falta de representatividade em outras esferas públicas.



172 mil 5,8 mil

Vera Viel, esposa de Rodrigo Faro, celebra recuperação de câncer

A modelo Vera Viel, esposa do apresentador Rodrigo Faro, comemorou seu aniversário de 50 anos com um motivo a mais para a celebração. Em 2024, quando completou 49 anos, a modelo estava internada, se recuperando de uma cirurgia que removeu um tumor raro em sua coxa esquerda. “Há um ano, exatamente nesta data, eu estava em um hospital, entregue a uma cirurgia que mudaria tudo. E ali, no meio do medo e da incerteza, vivi um encontro profundo com Deus. Ele me mostrou que eu não estava sozinha. E aqui estou eu, viva, curada e renovada”, disse.



152 mil 2,1 mil

Arroz requentado faz mal?

Requentar arroz pode ser um risco à saúde? Essa pergunta mobilizou as redes de IstoÉ. A resposta é sim. Quando o arroz cozido é deixado em temperatura ambiente por muito tempo, ele pode se tornar terreno fértil para a *Bacillus cereus*, uma bactéria capaz de produzir toxinas resistentes ao calor. Mesmo ao reaquecer, essas toxinas permanecem no alimento e podem causar intoxicação alimentar. A dica é guardar o arroz na geladeira em até duas horas após o preparo. Ele deve ser consumido em até 24h.



84,5 mil 3 mil



43 mil 4 mil

Caramelo, o filme: símbolo do Brasil chega a 190 países

O cão que é símbolo do Brasil ganhou um filme para conquistar não apenas os “cachorreiros” daqui. “Caramelo”, da Netflix, estreou na plataforma e atingiu 190 países – foi anunciado que ele se tornou top 1 entre todas as produções de língua não-inglesa. O longa é estrelado por Rafael Vitti e pelo cachorro Amendoim, vira-lata que pode representar os caramelos e outros cães SRDs (sem raça definida) que perambulam pelas ruas das cidades brasileiras.

www.istoe.com.br

Instagram: www.instagram.com/revistaistoe/

YouTube: youtube.com/@revistaISTOE

Facebook: www.facebook.com/istoedinheiro

TikTok: www.tiktok.com/@revistaistoe

LinkedIn: www.linkedin.com/company/istoe

X: x.com/istoe

Palavra por palavra



FILIPPO MONTEFORTE

"Encorajo as partes envolvidas a prosseguirem corajosamente no caminho rumo a uma paz justa e duradoura que respeite as aspirações legítimas dos povos israelense e palestino"

Papa Leão XIV, ao final da oração do Angelus no domingo 12, no primeiro final de semana após o acordo de cessar-fogo entre Israel e Hamas

"Nunca cantei só por cantar. Sempre soube que a arte tem poder. Ela toca, emociona, mas também provoca, desperta e transforma. E sigo com o mesmo desejo de sempre, ver a Amazônia respeitada e o nosso povo ocupando o lugar que merece no coração do mundo"

Fafá de Belém, cantora, sobre sua trajetória e sua conexão com Belém e a Amazônia



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

"Que sirva de aprendizado. A Copa do Mundo está aí. O alto nível, independente que seja Japão, contra quem for, 45 minutos podem custar um sonho de infância"

Casemiro, volante da seleção brasileira, após a derrota, de virada, por 3 a 2 para o Japão, em amistoso

"Junto com Musk, estariam Trump e alguns de seus verdadeiros apoiadores, e depois colocaria Putin, o presidente Xi, sem dúvida Netanyahu e seu governo de extrema direita. Eu colocaria todos nessa nave e os enviaria ao espaço"

Jane Goodall, primatologista britânica em entrevista gravada pela Netflix, sobre quem enviaria para o espaço (Elon Musk, Donald Trump, Vladimir Putin, Xi Jinping e Benjamin Netanyahu); ela pediu que só se revelasse sua resposta após sua morte



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

"Se pudermos ter um processo que não discrimine as mulheres e conseguirmos chegar ao cargo de secretária-geral, mostraremos ao mundo que podemos viver em pé de igualdade, que realmente há esperança. A verdadeira questão não é dizer que uma mulher é necessária, mas perguntar por que não houve uma até agora"

Rebeca Grynspan, candidata da Costa Rica ao cargo de secretária-geral da ONU e chefe da Agência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD)



REPRODUÇÃO INSTAGRAM



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

Paixão sobre rodas.

A front-facing view of a car, mostly in silhouette against a dark background. The car's headlights and front grille area are highlighted with a bright blue glow, creating a futuristic and sleek appearance.

MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

